

## SIMPÓSIO 40

## NOVAS LITERATURAS, LITERATURAS DE FORA DA SALA DE AULA

COORDENAÇÃO:

Professor Benedito Costa Neto Filho

Centro Universitário Curitiba (costaneto@swi.com.br)

Professora Verônica Daniel Kobs

Centro Universitário Campos de Andrade (anfib@ibest.com.br)

## LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA: A LÍNGUA PORTUGUESA RECRIANDO-SE NA OBRA DE SALOMÃO LAREDO.

## PROMOÇÃO DO ALEITAMENTO MATERNO NA LINGUAGEM POÉTICA

Sillvia Marina ANARUMA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O leite materno, além de ser o melhor alimento para o bebê em termos nutricionais, está envolvido com a questão da linguagem e da comunicação porque favorece o seu desenvolvimento. Entretanto, por diversos fatores de ordem sócio-históricos e culturais, muitas mães não amamentam ou desmamam seus bebês precocemente. Daí a importância de um trabalho educativo de promoção do aleitamento materno. Pensando nesta questão, o Projeto Amamentar, de cunho interdisciplinar, se apropria de todas as linguagens da comunicação para tornar esta tarefa possível. Descreveremos neste trabalho, uma das nossas ações – um projeto de produção de texto desenvolvido junto à comunidade - que também teve o objetivo de incentivar a leitura e a escrita. Trata-se de uma coletânea de poesias elaboradas por um grupo de escritores, a maioria anônimos, abordando os principais aspectos do aleitamento materno, de forma clara, simples e com a “cara” da nossa cultura. Inicialmente, sem a intenção da publicação, foi sugerido ao grupo o tema e explicado a nossa intenção. O resultado foi a produção de **35 poesias** - sendo uma delas um cordel - por 18 escritores. As poesias eram declamadas em diversos contextos e apreciadas através de “varais” nas ruas, praças, escolas, shoppings e fábricas. Observou-se que esta linguagem chamava a atenção, sensibilizava as pessoas e, além da valorização dos escritores, despertava para as questões relacionadas ao aleitamento. Com este material também foi possível fazer uma análise de conteúdo focando os aspectos presentes nas entrelinhas do texto que são as representações sociais sobre o aleitamento materno. Posteriormente, foi organizado um livro, a fim de assegurar o registro dessa escrita tão importante mas, muitas vezes, pouco valorizada. Consideramos esta produção como um veículo de comunicação dos mais importantes para a concretização do nosso trabalho com a educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** poesia –aleitamento materno – amamentação – educação e saúde – comunicação

*Seio  
Belo por si  
Torna mais desejado  
O corpo da mulher  
De forma macia e bico em riste  
Adiciona  
Ao prazer do amor  
Um sabor picante  
Seio  
Agora peito  
Antes macio  
Agora cheio  
Leite puro  
Que goteja pelo bico  
Darás agora prazer e alimento  
A ti inocente rebento.  
(A)Cesar*

<sup>1</sup> UNESP – Univ Estadual Paulista. Instituto de Biociências. Depto de Educação. Av. 24 A no. 1515, Depto de Educação, IB,UNESP, Campus de Rio Claro, Rio Claro, SP, Brasil. CEP– 13506-900. email:smarina@rc.unesp.br

O aleitamento materno é um tema plural envolvendo diferentes enfoques e áreas do conhecimento. Trata-se de um tema complexo, se considerarmos que a amamentação é um híbrido natureza-cultura, portanto, permeado por condicionantes sociais, políticos, históricos e culturais (Almeida e Novak, 2004). O aleitamento materno é considerado uma questão de saúde pública e todos os sistemas sanitários do mundo reconhecem as vantagens da lactação (Schneider, 2001).

Sob o ponto de vista nutricional, cada vez mais se constata a superioridade do leite materno sobre os outros leites, uma vez que contém todos os elementos essenciais para o bom crescimento e desenvolvimento das crianças, além de mais fácil digestão (Giugliani, 1994). O leite materno é econômico, não custa nada e sempre está limpo e pronto. Traz vantagens não só para a criança como também para a mãe, a família e a comunidade; ele protege contra infecções respiratórias e diarreia; crianças amamentadas ao seio materno têm melhor crescimento craniofacial e melhor desenvolvimento na arcada dentária, fala e respiração, além de menos cáries dentárias (Schneider, 2001).

Amamentar exclusivamente no peito até o sexto mês de vida do bebê traz inúmeros benefícios, entre eles o fato de ocorrer um melhor desenvolvimento da musculatura orofacial e também dos ossos da face. A criança que é amamentada no peito trabalha vigorosamente a língua e os músculos ao redor da boca, num padrão aperfeiçoado através do processo evolutivo.

É uma atividade que requer muita habilidade. Além disso, a criança que é amamentada geralmente é mantida com a cabeça e o tronco elevados – na posição natural - fazendo com que a gravidade trabalhe corretamente os músculos associados à deglutição. É através da amamentação que o bebê começa a exercitar e fortalecer seus órgãos fonarticulatórios (lábio, língua, bochechas, palato duro e mole e dentes) que serão importantes para o início da produção dos sons da fala (Gomes, 1994; Arcoverde, 2001).

A área de Neurociência mostra que as experiências vivenciadas a partir do nascimento têm impacto decisivo na arquitetura do cérebro e esta organização se dá durante os momentos em que a mãe conversa com seu filho (Alencar e Rolim, 2006).

Apesar da importância do leite materno, observa-se ao longo da história que o aleitamento materno foi sendo abandonado resultando no desmame precoce, fato preocupante quando pensamos na saúde pública e na mortalidade infantil.

Verifica-se também, que a despeito das campanhas e do índice do aleitamento ter melhorado no Brasil (Brasil, 2009) há um descompasso entre as descobertas científicas e a desmame, daí a necessidade de entender melhor este fenômeno e criar ações que favoreçam a construção de uma cultura do aleitamento.

Para compreender esta questão, temos que nos remeter, inicialmente, aos modelos de saúde e assistência vigentes no país. O modelo higienista que vigorou no séc. XIX e que influenciou por muito tempo as práticas de saúde, valorizava o aspecto biológico do aleitamento, induzindo a mulher a pensar que a amamentação era natural, instintiva e biológica, praticamente usando uma estratégia de terrorismo e culpa para que as mães amamentassem (Almeida e Novak, 2004).

Esta posição se contrapõe à visão mais atual, que leva em conta as condições concretas em que a amamentação ocorre, assim como o aspecto da aprendizagem envolvido no ato de amamentar, os valores e a própria autonomia na opção em amamentar da mulher. Atualmente se valoriza as vantagens do aleitamento materno, tanto para a família como para o Estado tentando-se evitar o desmame precoce. No entanto, esta mudança de valor deve ser construída na sociedade com a ajuda da Educação.

Temos várias razões para acreditar que a Educação seja o caminho seguro para a promoção do aleitamento materno. Uma delas é com relação à motivação da mulher para amamentar. Ela envolve, além de fatores de ordem social e psicológica, também o uso de uma linguagem acessível dos profissionais, por exemplo, no pré-natal, “o processo perpassa a vontade feminina e sua construção parece se dar muito mais no espaço do educar do que do tratar” e deve suceder a descoberta e a vontade da mulher fazer e saber sobre o assunto (Takushi et al, 2008). Isto demonstra que só a informação não é suficiente para que a mãe amamente.

Preservar a autoconfiança e a auto-imagem da mãe, também são condições favoráveis para que ela possa amamentar. Isto pode ser possível em função da forma como se comunica com a mãe, principalmente nas ações voltadas à promoção do aleitamento. A postura dos profissionais que lidam com a mãe, faz diferença na hora de se comunicar (Rezende et al, 2002).

A concepção do *Hospital Amigo da Criança* envolve todo um trabalho educativo dentro das maternidades. Os dez passos para o sucesso do aleitamento materno implicam não só em medidas para que se informe à mãe sobre os benefícios e o correto manejo na hora da amamentação, como à mudanças nas práticas erradas que acontecem nas unidades de saúde ou do profissional (Lamounier, 1996).

Vários trabalhos indicam a escolaridade como um dos fatores de proteção para a prática do aleitamento materno. Assim, mulheres com maior escolaridade, tendem a amamentar mais (Escolbar, 2002; França, 2007; Caminha et al, 2010). Já a idade pode não ser fator determinante para que a mãe amamente, mas sim as orientações que ela recebe (Marques et al, 2008).

Muitas ações são feitas para promover o aleitamento materno, com o objetivo de diminuir os índices do desmame precoce. Uma destas ações, de cunho educativo, é desenvolvida pela Universidade desde 1999, portanto, com 11 anos de atuação na comunidade, na formação e na capacitação de profissionais. Trata-se de um projeto de extensão denominado de Proama – Projeto Amamentar, formado por uma equipe interdisciplinar incluindo estudantes da graduação e profissionais da Comunidade, como fonoaudiólogas, assistentes sociais, pedagogas, farmacêutica e psicóloga.

Tendo como pano de fundo as idéias de defender, incentivar e apoiar o aleitamento materno atua justamente na construção de valores que contribuam para pensar as práticas das mulheres, através da conscientização e da construção do conhecimento que lhes faça significado.

Este trabalho é feito através da adoção de diferentes linguagens, não só com o intuito de atingir a mulher, como toda a comunidade: a criança que está em formação; o homem que dará o suporte à mãe; as avós que transmitem as tradições; o empresário que precisa cumprir os direitos da mulher para que ela continue amamentar mesmo trabalhando, assim como as instituições – todas determinantes do aleitamento materno.

Estas linguagens envolvem desde a produção de material pedagógico até a participação na mídia escrita e falada, a linguagem da fotografia e do vídeo, a linguagem musical, assim como o uso da tecnologia digital.

A linguagem poética, é vista por nós como um meio de comunicação para a promoção do aleitamento materno, por isso, consideramos de suma importância divulgá-la. Sendo assim, este estudo tem como objetivos: descrever um trabalho de produção de textos realizado pela comunidade para promover o aleitamento materno; elaborar uma leitura interpretativa desta produção; estimular a escrita e a leitura.

### Como Nasceu o Livro Leite da Vida

O PROAMA tem uma estreita relação com a área da comunicação, consequentemente, com o campo da linguagem. Através da linguagem transformamos o conhecimento necessário para uma ação consciente, naquilo que faça sentido e seja de fato incorporado como uma prática necessária e ideal para a saúde materno infantil.

Entendemos que “os processos psicológicos superiores humanos são mediados pela linguagem (semânticos) e estruturados não em localizações anatômicas fixas no cérebro, mas em sistemas funcionais, dinâmicos e historicamente mutáveis” (Vigotsky, 1988).

Neste sentido, a nossa aproximação com a sociedade se faz com a intenção de reconhecer o conhecimento construído por ela e partir deste conhecimento para re significá-lo. Foi com este propósito que nos aproximamos de um grupo de escritores, a fim de utilizar uma linguagem de comunicação da qual não tínhamos domínio; uma linguagem que pudesse trabalhar com a fantasia, a imaginação, a liberdade de expressão, a sensibilidade. Ao mesmo tempo, que estimulasse o registro de experiências com o aleitamento materno.

Isso foi possível pela parceria que realizamos com o CLIRC – Centro Literário de Rio Claro-SP, que reúne um grupo de escritores de município, de todas as idades. Mediante nosso convite, eles começaram a criar poesias, que depois de reunidas eram divulgadas de diversas formas: em forma de Saraus, declamações ou varais de poesia, em diversos contextos: empresas, hospitais, fábricas, bairros, jardins etc. A intenção era aproveitar todas as situações em que fosse possível levar uma mensagem sobre aleitamento materno.

Embora os escritores tivessem a liberdade de compor a sua escrita, adotávamos como referência os temas que anualmente são propostos durante as Semanas Mundiais do Aleitamento Materno.

O resultado desse trabalho foi muito positivo. Além de dar visibilidade aos escritores, a comunicação parece ter feito sentido para as pessoas: quando eles declamavam a população prestava atenção, mais do que através das formas tradicionais. Esta atenção para nós é o primeiro passo para despertar à importância do assunto.

Por alguns anos, essas poesias foram guardadas, mas verificando a riqueza desse material, quando tivemos a oportunidade, resolvemos elaborar um livro. Nossa intenção era divulgar as poesias, e também aproveitá-las como um recurso pedagógico. Observamos que os textos abordavam os principais aspectos do aleitamento materno, de forma clara, simples e demonstrando aspectos da nossa cultura. Assim, foi elaborado uma coletânea para a publicação que envolveu 18 escritores e a **produção de 35 poesias** (Anaruma, 2010).

Usamos a linguagem poética, tendo como pano de fundo o conhecimento científico, os estudos sistematizados. Faremos agora, o caminho inverso, desmembraremos estes dois conteúdos, a fim de analisarmos se realmente estiveram presente os conhecimentos principais sobre o tema, assim como, os anseios, os desejos, os sentimentos e as representações sociais.

### A Análise de Conteúdo das Poesias

Para a análise das poesias, foi usada uma Técnica de Análise de Conteúdo (Bardim, 2010) procurando o significado dos escritos, manifestos e ocultos.

Primeiramente foi feita uma Pré-Análise do conteúdo e a elaboração de alguns indicadores para a escolha das categorias de análise, através de uma leitura “flutuante” do material. Após esta etapa foram elaboradas as categorias de análise ou índices, encontrados os indicadores e feita a exploração do material através de planilhas elaborando a codificação propriamente dita.

Os recortes foram feitos, na medida do possível, tentando não interferir na organização de cada escrita e nem alterando o seu significado. Os textos mantidos na sua forma original estão em itálico.

### Com Relação aos Autores:

Verificamos que das 35 poesias, 1 foi elaborada por autor desconhecido e apenas 5 foram escritas por homens. As demais, ou seja, 29 poesias foram escritas por mulheres. Este resultado pode ter duas explicações: o CLIRC tem na sua composição mais mulheres. O tema é feminino; a mulher se identifica imediatamente com a palavra quando se fala de aleitamento materno. O aleitamento materno é uma função feminina.

### Com Relação ao Título:

Observa-se que 14 das poesias tinham em seu título a alusão ao termo *Aleitamento Materno*, *Amamentação* ou variantes: *Ama-mentar*; *Amamente*. As demais fazem menção ao seio, como: *Seios Maternos*, *Escultura*, *Em Taças Divinas*. Ainda outros títulos mencionam o próprio leite materno: *Fonte*, *Líquido Precioso*, *Leite Materno*, *Alimento Sagrado*, *Gota de Alimento*, *Fonte*. Há também a menção do filho como: *O filho agradece*, *Agradecimento de um filho*, *Amigo do Peito*. Há também menção de sentimentos: *Aconchego*, *Amor*. Há menção do nascimento: *Nasceu*, *Parto*, *Primeiro Ato*.

Um dos autores expressa sobre os direitos da mulher, porque na época em que foi elaborada, o tema da Semana Mundial era justamente “Amamentação é um direito humano” (2000). Daí os títulos serem: *O direito ao Aleitamento Materno*, *Aleitamento Materno não só um dever, mas um direito*, *Acorda, Patrão*. *Receber o leite materno/É um direito do filho/Amamentar/ É um direito da mãe*.

### Sobre as propriedades do leite materno

O aspecto nutricional foi o mais citado:

*Saiba que o leite materno/ Pra criança é fabricado/ Vem todo dosado certo/ pra um serzinho delicado / é de fácil digestão/ evitando bucho inchado*

A composição do leite é adequada às necessidades nutricionais do lactente. Assim, ele varia de acordo com o tempo de gestação, parto, hora do dia e tempo da mamada, portanto, se adaptando perfeitamente às necessidades do bebê. Inclusive, como o fato dele ser pré-maturo ou não (Moura, 2002).

É de fácil digestão porque é próprio para a espécie. Como a literatura descreve, o leite materno é espécie – específico. Ele é específico para a espécie - como apresentar imunoglobinas - específicas para o organismo, como a lactose.

*Graças a ele sobrevivi/ sem mais nada para me alimentar/ E, assim, pode ser/ De muitas doenças, imunizada! Por tudo isso, mãe, obrigada!*

*Vida saudável/ Alimento necessário/ Líquido precioso*

*Abdicar de si para o outro/nutrindo a si e ao outro/ No doar-se, armar com anticorpos.*

Este resultado não surpreende. Quando as pessoas são questionadas sobre a importância do leite materno, a maioria reconhece este aspecto, mas ignora os demais. Verificando em sites de perguntas sobre aleitamento materno, observamos que as pessoas têm dúvidas de toda ordem, por exemplo: “Durante a gravidez, a preparação dos mamilos para amamentar, é importante? Posso não ter leite o suficiente para meu bebê? E se meu leite for fraco? De quanto em quanto tempo devo dar o leite em meu bebê?” (site Leite Materno, 2011). As dúvidas confirmam a complexidade do assunto e o quanto temos ainda que orientar a respeito.

### Aspectos do Manejo da Amamentação

Há muitas crenças a respeito de como aumentar a quantidade de leite. No entanto, sabe-se que o que faz o leite aumentar é a frequência das mamadas, ou seja, quanto mais a mãe amamenta, mais o leite será produzido. Quando se tem a suspeita de que a mãe está produzindo pouco leite, a orientação é justamente que se aumente o número de mamadas (GIUGLIANI, 2000). A escrita revela este fato:

*Ato de primeiro amor/Quanto mais se dá/ Quanto mais se tem.*

*Teus seios vertiam leite! Feito água/ Derramando sobre os montes...Alagaram fronthas e lençóis. Alagaram os dias e temp. Nossos!!!* Quando a mãe produz muito leite, mas não “esgota” o suficiente, quase sempre porque o bebê não mama o quanto deveria mamar, ocorre o ingurgitamento das mamas em que há um retesamento do leite e num dos escritos aparece esta representação:

*Inchados, pesados, os seios empedram/ com o leite recusado/Promessas, compressas, para o leite fluir.*

É interessante como o poeta retrata o leite. Realmente, como entender que sairá do corpo da mulher um líquido que se caracteriza como o leite materno?

*Leite de vaca,/Serve,/Mas nada se compara/Ao leite de uma mãe amamentando,/ A mãe está passando/Tudo de mais maravilhoso/Que pode existir dentro dela.*

*Onipotente, leite materno, amor de mãe...Como a água transformada em vinho,/O sangue passa a ser leite para alimentar...*

*Essência da vida/Amor em líquido que brota da alma...*

*Com as mãos/Cheias de amor/Ela pega o seu menino/Leva-o ao seio,/Que explode/Em seiva/ Ele com os olhos/Cheios de sono/E com a boca /Cheia de fome...Nesse instante/ O amor se faz líquido/ escorrer/Pela garganta/Do pequenino.*

## Aspectos Econômicos e Sociais

Uma das vantagens do aleitamento materno diz respeito à economia. O leite materno é grátis, está pronto e na temperatura certa. À princípio, toda mulher pode amamentar. Um dos escritos expressa muito bem esta característica: *O bebê aprende/ Fareja o milagre,/ e nas togas divinas/ dos seios maternos/ e suga o néctar da vida,/ que corre grátis/ sem crise, sem preconceito/ Em sua infinita sabedoria/ Deus oferta ração igual/ a todo ser que chega. Neste momento,/ ricos e pobres finalmente são iguais.*

Muito mais do que envolver a economia familiar, também envolve a economia como um todo. Um bebê que é amamentado tem menos problemas de saúde tem um melhor desenvolvimento em todos os sentidos, inclusive cognitivo, o que vem a ser um investimento importante em termos de políticas públicas. O mesmo se aplica à mulher que amamenta e que também se beneficia disso, pois vai evitar a hemorragia pós-parto, facilita a involução uterina e volta a sua forma normal em menos tempo, evita a gravidez (sob determinadas condições) e previne várias doenças como o câncer de mama (Levy e Bértolo, 2008).

Os direitos da mãe também são abordados em alguns textos. A importância desse assunto se dá porque há uma tendência da mãe que trabalha de parar de amamentar. Isto ocorre por vários motivos: alguns lugares não facilitam a sua saída para amamentar; poucas empresas têm um lugar apropriado para amamentar o seu filho, como uma Sala de Amamentação; para muitas mulheres a distância entre a casa e a empresa é grande, o que a impede de ir amamentar e voltar (apesar dela ter o direito de sair do trabalho diariamente para este fim). Por isso, o amparo social para que a mulher decida ser mãe e possa amamentar é fundamental. Alguns poetas sensíveis a esta questão falam:

*As empresas peço atenção,/ Muita conscientização!/ A respeito do aleitamento materno... Os empresários quero alertar,/ Comecem a permitir na empresa,/ A amamentação com certeza, Ostentando um gesto de nobreza! Não neguem jamais este ato de mor-perfeito/ A mãe funcionária que tem o néctar no peito!*

*Acorda, patrão! Meu filho te chama! Nos braços da ama-seca, ele ri, ele chora, se ajeita./ Mas precisa do leite materno! O saldo que dá a mulher,/ para suprir sua dispensa, é uma vaga recompensa/ para quem tem o dom de ser mãe,/ ser mulher, dar a luz... Então, acorda patrão...*

Despertar as empresas para a importância da mulher que trabalha continuar amamentando é uma das metas de quem promove o aleitamento materno. Mesmo assim, uma das maiores causas do desmame precoce é a volta ao trabalho, principalmente para as mães que trabalham em turnos móveis. A fadiga é outro motivo que aparece entre as trabalhadoras (Ciaccia, Ramos e Issler, 2003).

O Brasil tem avançado na questão dos direitos da mulher trabalhadora para que ela possa ficar mais com seu filho. Um exemplo disso é a lei Federal n. 11.770, de 9 de novembro de 2008, dentro do Programa Empresa Cidadã, que prorrogou a licença maternidade de 4 para 6 meses (Presidência da República, 2008). Porém, nem todas as empresas aderiram ainda, porque se trata de uma lei para as administrações públicas, direta e indireta e as fundações. Esperamos que essa lei se estenda para todos os setores.

## O Aspecto Afetivo e de Comunicação Mãe-Bebê

O seio materno substitui o cordão umbilical, que é rompido logo após o nascimento. O bebê se mantém ligado ao corpo da mãe através da amamentação. Esta possibilidade é extremamente importante - seja do ponto de vista psicológico ou do ponto de vista biológico - para garantir a segurança que o bebê precisa nestes primeiros meses de vida.

*Leite é sangue que deixa de correr/ pelo umbigo e sai pelo bico do seio.*

*... Quando estava pronto, arrebentei o mundo que me protegeia/ e naquele dia,/ resolvi nascer! Mas, no mundo aqui fora, via a luz e a ti eu via/ porém, como sobreviver? / Ouvei/ a batida,/ conhecida,/ de teu coração! Sobre o teu corpo me arrastei / e aquele som querido encontrei! / Junto a ele cheguei/ e, sabendo de minha aflição,/ me deste o leite/ que possuías/ para garantir minha vida.*

O poeta retrata o momento em que ocorre a separação do corpo do bebê e da mãe como um momento único:

*Nós dois/ Após o parto/ Que nos partiu/ Em dois/ O leite materno/ Te prepara para/ A vida...*

O aleitamento materno constitui um dos três contatos interpessoais mais íntimos do ser humano, sendo os demais: o ato sexual e o parto (Vieira, Barros e Abrão, 2000).

O estabelecimento do vínculo aparece com mais frequência nas poesias:

*Em teu ventre me envolvia.../ De teu sangue me alimentava.../ Foi graças a ti que respirava / e, no escuro, eu já te via! (... ) Ouvei a batida,/ conhecida/ do seu coração! Sobre o meu corpo me arrastei/ e aquele som querido encontrei!*

*Há, há... ma má.../ Formar...mamar, Tudo movendo-se/ Pas si va men te: a-calento...a-conchego,/ acolhimento - envolvimento!*

*... Momentos estes que pertencem somente aos dois/ Enternecida ela vê o filho, / Não tem olhos para mais nada...*

Por toda a importância da amamentação, sobretudo, sob o ponto de vista psicológico, é que a OMS recomenda que ela ocorra na 1ª hora de vida (Boccolini, et al, 2011). Se formos pensar, nada mais natural, porém, com a tecnologia e mecanização do sistema de saúde, esta prática se perdeu. O bebê, no parto tradicional, logo que a mãe pariu, vai imediatamente para as mãos dos médicos e enfermeiras e inicia-se os procedimentos de rotina. A primeira coisa que acontece é afastá-lo da mãe.

A amamentação logo após o nascimento reduz o índice de mortalidade, principalmente no 1º. mês de vida; além de estimular o contato pele a pele entre o bebê e sua mãe, que o mantém aquecido, o deixa menos estressado, mais calmo, mantém sua frequência respiratória e cardíaca mais estável. “As mulheres costumam apresentar uma incrível sensação de felicidade no primeiro encontro com o bebê! E os pais geralmente compartilham este sentimento. E assim começa a formação do vínculo entre mãe e bebê” (WABA, 2007).

Os estudos da etologia nos mostram como o apego é um fator fundamental para o desenvolvimento do afeto, próprio da espécie humana, que necessita de mais tempo de proteção para sobreviver.

Foi Bowlby (1982) quem denominou o vínculo mãe-criança como apego, e mostrou que não é somente o resultado automático da fisiologia, mas da interação entre mãe e filho. O comportamento de apego vai além da função de proteção. Quanto maior for o vínculo inicial mãe-bebê, maior a probabilidade de a criança tornar-se independente no futuro, pois é o apego seguro que permite à criança aventurar-se de maneira confiante no mundo.

*Do corpo, da mente, da alma/ Leite materno, acalma, sossega, ampara...*

*É os seios da mãe. / Adormece, embreaga, afaças... Que embala o bebê/ A tua imagem, Ante mim passa,/ Quando afaças. É com ternura esse aconchego! É belo. É doce./ É o mais singelo dos amores. / Acalma todos os desejos./ O filho em seus seios. / É desejo! É uma prece.*

A amamentação é um dos fenômenos que mais garante a formação do vínculo, já que a proximidade da mãe com o bebê envolve uma atitude de entrega, envolve o contato, o toque. Assim sendo, o tipo de alimentação (natural ou artificial) recebido pelo bebê e a forma como é oferecida (seio materno, mamadeira, sondas naso ou orogástricas) e ainda, a qualidade do contato inicial da mãe e seu bebê durante a alimentação, fazem toda a diferença para o desenvolvimento das habilidades orais (Delgado e Halpern, 2005).

A poetiza é sensível à importância do contato corporal e faz uma comparação com a frieza da mamadeira:

*Na boca de teu filho pequenino, que te procura em vão e nem te acha... Fazer com que ele busque esse calor/ longe de ti, em um lugar impróprio,/ em vidro frio feito na ciência... É desumano, é triste, é imprudente.../ Onde ele pode em lugar de amor, ganhar doença e contaminação...*

Vários trabalhos descrevem a importância do contato pele a pele e do toque; só os recursos tecnológicos mais avançados não dão conta de recuperar o ser humano em algumas situações. Prova disso é o método conhecido como “Mãe-canguru” ou Método Canguru, usado na recuperação de bebês, principalmente prematuros - a mãe ou outra pessoa,

de preferência da família, fazem o papel do útero, ficando com o bebê junto ao seu corpo em determinados períodos (Venâncio e Almeida, 2004).

O método, de abordagem holística do ser humano, foca a recuperação dos bebês propiciada pelo contato pele a pele com a mãe (ou outra pessoa se necessário). O método não é oneroso e salva muitas vidas. Foi um método desenvolvido na Colômbia, nos anos 80. Ele não só aumenta o vínculo entre mãe e filho, como auxilia no desenvolvimento psicomotor do recém-nascido e promove o aleitamento materno (Brasil, 2002). Esta relação intensa do corpo a corpo com o bebê aparecem na linguagem do poeta:

*Bendita são as mães/ Que dedicam seu tempo ao filho/ Que acalentam seu bebê/ Acariciam e amamentam/ Que se deliciam e se encantam...  
É com ternura este aconchego!É belo. É doce. É o mais singelo dos amores.*

A satisfação oral que a amamentação propicia ao bebê também é outro aspecto que contribui para o desenvolvimento psíquico. O bebê, no primeiro ano de vida - de acordo com a Psicanálise - estabelece uma relação com o mundo através da oralidade. Por este motivo é que, muitas vezes, recorre ao dedo ou à chupeta, mesmo depois de satisfeita a sua fome.

Para a Psicanálise, a boca (e sua função de sucção) é a principal fonte de prazer sexual nesta fase (Freud, 2006). É através da amamentação que o ser humano experimenta a sua primeira relação de amor. Sendo assim, os primeiros cuidados e o carinho materno são tidos como funções insubstituíveis para o desenvolvimento emocional (Silvia e Dalber, 2008). O desmame precoce antes de um ano de vida pode prejudicar esta satisfação e a consequente formação futura da capacidade de dar e receber.

#### O seio como metáfora: seio materno, seio sexual

A representação dos seios como uma zona erógena aparece na fala do poeta:

*A mimosa beleza do atributo/Da mulher, assaz característico/(Estornados o imoral e o dissoluto) / E seu arfante peito cabalístico/ Onde o suave e dual seio impoluto,/Faz-nos viver sublime sonho místico/ Com a visão real do belo inato/ Que dizer do cetínio gozo ao tato?*

#### O poeta se refere à representação dos seios de forma dual:

*Tem-se o imponderável a vista: Muitos se dizem que são os primeiros, Mas para privar da fausta conquista/ Um só dos quantos ou tantos ardeiros/ Pode levar a láurea assaz benquista/ Pois sobressai tão bem dos trapaceiros/ O puro, belo e suave amor platônico/Com o qual olha a mãe o filho harmônico.*

A representação dos seios como uma dualidade é apenas uma faceta das múltiplas representações da mulher: mulher, ao mesmo tempo menina, mãe, santa, perversa, virgem, pura, forte, frágil... O seio que representa a maternidade, a vida, a nutrição, mas também o erótico, o belo.

Devido aos tabus existentes na área da sexualidade, a exposição do peito na amamentação incomoda. Há um exemplo que ocorreu há pouco tempo no Brasil, na cidade de São Paulo, em que uma Antropóloga foi proibida de amamentar seu filho num espaço cultural, sendo convidada a amamentar na enfermaria. Como protesto, ela organizou um “mamaço” e voltou no mesmo local com 50 mulheres amamentando. Este fato foi tão representativo, que vários mamaços ocorreram em outras cidades após este (Caitano, 2011).

Estas várias facetas fazem com que a mulher se sinta dividida quando assume o papel de mãe. Alguns trabalhos mostram que a mulher quando amamenta tem sua libido diminuída, seja por alterações hormonais, seja por canalizar este prazer na amamentação ou até pelo próprio cansaço físico.

Vários depoimentos falam da influência da maternidade na sexualidade da mulher. Algumas mulheres relatam que os seus companheiros influenciam na amamentação negativamente, porque temem que seus seios vão se deformar, ou porque não querem dividir os seios com o bebê. Há relatos de consultas médicas em que a mulher aparece com um seio maior do que o outro. Indagada à respeito se verificou que um seio era dado para o bebê e o outro seio para o

marido (Sandre-Pereira, 2003). A cisão aparece mais uma vez: o seio erótico e o seio fonte de alimento.

Este assunto é pouco valorizado na literatura, porém é um fator de influência na escolha da mulher pela gravidez e a amamentação, por isso deveria ser mais explorado (Abuchaim, 2005).

Há representações sociais do leite associado ao esperma, que está na origem de interdições sexuais em algumas sociedades. Estas sociedades acreditam que o esperma pode contaminar o leite, daí proibir as relações durante a amamentação (Nova Guiné). Esta interdição também ocorre entre tribos brasileiras que, caso a relação se consuma, a mulher afasta o homem antes que ele ejacule, entendendo que assim o esperma não contaminará o seu leite (Sandre-Pereira, 2003).

A História nos mostra que durante a Revolução Industrial, a mamadeira representou a libertação da mulher e os seios tornaram-se o seu atrativo mais sexual (mas propriedade do homem), o que fez diminuir a prática do aleitamento materno, pois amamentar se tornou retrógrado (Vieira, Barros e Abraão, 2000).

O surgimento das amas de leite se deu justamente como fruto dessa divisão, surgindo então dois tipos de seios: o seio da mulher aristocrata que desejava manter sua beleza e da mãe que precisava vender o leite para o sustento da família. É sabido também, que a partir desse momento a mulher sai para trabalhar mudando toda a forma de se relacionar com a educação dos filhos, a maternidade, o casamento, dentre outros.

Já na sociedade ocidental atual, a importância estética do seio hipertrofiou. As cirurgias plásticas com maior incidência no Brasil são as de mama. A prática de colocar silicone nos seios se tornou uma febre. Este fato pode ser mais um fator de risco para a escolha em amamentar, já que ainda persiste a crença de que a amamentação deixa os seios caídos. O poeta valoriza a beleza dos seios da mulher:

*Seio/Belo por si/ Torna mais desejado/ O corpo da mulher/ De forma macia e bico em riste/ Adiciona/Ao prazer do amor/Um sabor picante/Seio/Agora peito/Antes macio/Agora cheio/Leite puro/Que goteja pelo bico/Darás agora prazer e alimento/A ti inocente rebento.*

A associação entre o aleitamento materno e o prazer, não é da ordem do imaginário, há também um fundamento biológico. O hormônio ocitocina que influi na descida do leite é o mesmo que atua na relação sexual e no orgasmo. Este hormônio também é responsável pela sensação de confiança e redução do medo durante a amamentação (Rodrigues et al, 2010). Atitudes positivas da mãe estimulam a atuação da ocitocina no sangue: sentimentos agradáveis com relação ao seu bebê, o olhar, o toque, a confiança de que é capaz de amamentar. O contrário, portanto, inibe este processo (Levy e Bértolo, 2007).

Os poetas representam esta sensação de bem estar e de contato mãe-bebê:

*...Momentos estes que pertencem somente aos dois/Enterneçada ela vê o filho,/ Não tem olhos pra mais nada...*

#### A influência da religião – seios sagrados

Se olharmos a questão da construção histórica sobre o corpo da mulher, veremos através da arte que os seios da mulher foram valorizados em imagens que podem ser vistas em quadros clássicos como o de Delacroix, “A Revolução Francesa” (Xamã, 2010). Em outros quadros aparecem também a imagem da Virgem Maria amamentando. Mais uma vez se reforça a dualidade a qual já falamos.

Nos textos aparece com muita frequência termos relacionados à religião, a amamentação como algo divino.

*O primeiro ato de Cristo:/Mamar no peito.  
Benditos os seios que amamentam/Na infiltração de tudo que é mais puro.  
O leite flui no milagre / da maternidade.  
Nos olhos súplices de cada criança, todas as mães do mundo podem ver/o olhar de Deus rogando pelo amor/ que é esperado de cada mulher.*

A representação do corpo da mulher foi construída com base na valorização da maternidade, como algo sagrado, contrariando o aspecto sexual, o que tem implicações no ato de amamentar.

*A mãe que amamenta, encolome gloriosa /O amor dominará a vida soberana/Nascida sob o céu será radiosa/ Mais divina embora sendo humana.*

A maternidade começou a ser valorizada a partir do Sec. XIX, porque antes disso, a mulher era considerada como sagrada e quem dava o leite para os bebês eram as amas de leite, como já foi mencionado. Com o movimento higienista o aleitamento materno passou a ser valorizado, passando a cobrar da mãe esta obrigação. Assim, a imagem de mulher que perdurou até a metade do sec. XX foi uma mistura de imagens: A mãe piedosa da Igreja, a mãe educadora do Estado positivista, a esposa-companheira do aparato médico-higienista. Isto para as mães burguesas, porque as mães pobres, vivenciavam a maternidade de forma inversa. Seus filhos eram tratados pelas avós e mães de criação, para aquelas pudessem trabalhar (Javorski, 1999).

Concomitante a este movimento temos o papel da Igreja no controle do corpo da mulher. Para a Igreja, a mulher tinha apenas a responsabilidade pela procriação e multiplicação da vida. Embora o discurso médico reconhecesse o prazer sexual feminino, no sec. XIX, ele sempre esteve subordinado à procriação. Um dos exemplos é de que os médicos achavam que a excitação clitoridiana estimulava a produção dos ovários e isto possibilitaria a fecundação (Rigoni, 2009).

A construção do corpo feminino na religião sempre ocupou o espaço do mal. O corpo da mulher é um corpo que só trouxe transtornos ao longo da história. Este lado mal, só é superado pelas figuras de Sofia e Maria. É nos papéis de mãe, esposa ou piedosa que ela assume o papel do bem. Fora isso, todas as categorias positivas era atribuída ao corpo do homem. As narrativas da Bíblia retratam bem o corpo da mulher santa, prostituta, mãe...

“As abordagens feministas pós-estruturalistas começaram a teorizar o corpo como um construto sócio cultural e lingüístico, produto e efeito de relações de poder”. Passa-se então, a encarar o conceito de gênero englobando todas as formas de construção social, cultural e lingüística, implicada com os processos que produzem o corpo, tanto masculino como feminino, que os distingue e que os separa como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade (Wandermurem, 2007).

### Considerações Finais

A produção de poesias para fins de promoção do aleitamento materno se mostrou adequada em vários sentidos. Foi possível que escritores se envolvessem com este trabalho e levassem para a comunidade conceitos tão complexos e sentimentos intensos que envolvem o aleitamento materno; o conteúdo abordado não só trouxe temas importantes do ponto de vista científico, como trouxe experiências do coletivo, ajudando-nos a entender melhor as representações sociais que são construídas. A área de Linguagens pode ser um aliado na promoção do aleitamento, uma vez que favorece o desenvolvimento da linguagem e a comunicação mãe-bebê. Propostas como essa deveriam ser cada vez mais estimuladas, pois são ações que trazem um grande benefício para a sociedade que se apropria de um conhecimento produzido pela comunidade, de uma forma mais criativa, com mais sensibilidade e, sobretudo, com a possibilidade de identificação, porque retrata sentimentos, sensações, depoimentos, e objetiva nosso pensamento e nossa imaginação. Como exposto, utilizamos diferentes linguagens e técnicas, segundo a finalidade que pretendemos atingir, qual seja o de promover o aleitamento materno, através da compreensão dos seus significados e da incorporação do que realmente faça sentido para quem aprende. Desta forma, concluímos que a interface entre linguagem e Educação deva ser mais explorada, principalmente na área da Comunicação em Saúde.

### Referências Bibliográficas

Anaruma, Silvia Marina (org.). 2010. *Leite da vida: aleitamento materno em poesia*. Rio Claro, Nova RC Editora e Artes Gráficas,  
 Abuchaim, Érika de Sá Vieira. 2005. Vivenciando a amamentação e a sexualidade na maternidade: Dividindo-se entre ser mãe e mulher. *Tese (Doutorado)*. SP. Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. SP. 191 p.  
 Alencar, A.J.C.; Rolim, K.M.C. 2006. Bases Científicas do acolhimento amoroso ao Recém-Nascido. *Rev Pediatr Ceará*.

v.7, n. 1, p. 27-32, jan/jun.

Almeida, J.A.G. de e Novak, F.R. 2004. Amamentação: um híbrido natureza- cultura. *Jornal de Pediatria*. V.80, n. 5 (supl),

Arcoverde, Z. L. C. 2001. *Prevenção dos distúrbios da fala – Uma orientação fonoaudiológica*. 2001. 35 f. Tese (Especialização) - CEFAC. Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, Itajaí.

Bardin, Laurence. 2010. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: 70.

Bowlby, J. *Apego e perda*. 1982. New York: Basic Books, v. 1, 2ª ed., Anexo.

Boccolini, C.S. et al. 2011. Fatores associados à amamentação na primeira hora de vida. *Revista Saúde Pública*. v.45, n. 1, p. 69-78,

Brasil. 2002. *Atenção Humanizada ao recém-nascido de baixo peso: método de mãe Canguru*. Manual do curso. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde da Criança. 1ª. Ed. Brasília. Ministério da Saúde.

Brasil. Ministério da Saúde. 2009. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. *II Pesquisa de Prevalência de nas Capitais Brasileiras e Distrito Federal*. 1ª edição. Série C. Projetos, Programas e Relatórios. Brasília – DF.

Caitano, Adriana. 2011. Mães promovem amamentação coletiva em espaço cultural de SP. *VEJA*. Ed. Abril.

Comportamento. 12.05. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/maes-promovem-mamaco-em-espaco-cultural-de-sp>. Acesso em: 21 ago 2011.

Caminha et al. 2010. Aspectos históricos, científicos, socioeconômicos e institucionais do aleitamento materno. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*. Recife, v. 10, n. 1. p. 25- 37, jan/mar.

Ciaccia, Maira Cecília; Ramos, J. L. de A; Issler, H. 2003. Amamentação e trabalho da mulher: como conciliar? *Rev. Paulista de Pediatria*. v.21, n. 2. p. 83-88.

Delgado, S.E. e Halpern, R. 2005. Amamentação de prematuros com menos de 1500 gramas: funcionamento motor-oral e apego. *Pró-Fono Rev. de Atualização Científica*. Barueri (SP), v. 17, n. 2, p. 141-152, maio-ago.

Escobar et al. 2002. Aleitamento materno e condições socioeconômico-culturais: fatores que levam ao desmame precoce. *Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.*, Recife, v.2. n. 3. p253-261, set. - dez.

França, GBA et al et al. 2007. Determinantes da amamentação no 1º. ano de vida em Cuiabá, Mato Grosso. *Rev Saúde Pública*, n. 4, p. 711-718, 2007.

Freud, S. 2006. As cinco lições de Psicanálise. Leonardo da Vinci e outros trabalhos. Obras completas de Sigmund Freud. RJ. Imago. v. XI.

Giugliani, E. R. J. 1994. Amamentação: como e porque promover. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro. v. 70, n. 3, p. 138-151.

\_\_\_\_\_. 2000. O aleitamento materno na prática clínica. *J Pediatr*. Rio de Janeiro. v. 76, Supl.3, p. 238-s52,

Gomes, C. F. 2002. O aleitamento materno e a Fonoaudiologia: tendências curriculares e opiniões de docentes e discentes. 185 p. *Tese (Mestrado em Educação)* - Faculdade de Fonoaudiologia de Marília - Universidade Estadual Paulista, Marília.

Javorski, Marli. 1999. Os programas nacionais de incentivo ao aleitamento materno: uma análise crítica. *Pediatria Moderna*. V.35 n. 1 e 2.

Lamounier, J.A. 1996. Promoção e Incentivo ao Aleitamento Materno: Iniciativa Hospital Amigo da Criança. *Jornal de Pediatria*. v.72, n.6.

Leite Materno. s/d. Tudo que você precisa saber para amamentar. Disponível em: <http://www.leitematerno.org/>. Acesso em: 21 ago 2011.

Levy, L e Bértolo, H. 2007. *Como funciona a amamentação*. Manual de Aleitamento Materno. Comitê Português para

a UNICEF. Lisboa. (ed. Revista). Disponível em: [http://www.inutero.pt/UserFiles/File/artigos/amamentacao/manual\\_aleitamento\\_2007.pdf](http://www.inutero.pt/UserFiles/File/artigos/amamentacao/manual_aleitamento_2007.pdf). Acesso em: 20 ago 2011.

\_\_\_\_\_. 2008. *Manual de Aleitamento Materno*. Comitê Português para a UNICEF – Comissão Nacional. Lisboa. (ed. Revista de 2008). Disponível em: [http://www.unicef.pt/docs/manual\\_aleitamento.pdf](http://www.unicef.pt/docs/manual_aleitamento.pdf). Acesso em: 20.09.2011.

Marques et al. 2008. Fatores relacionados às dificuldades no aleitamento materno entre mães adolescentes da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. *Revista Paraense de Medicina*. v. 21, n. 1, jan/mar.

Presidência da República. Casa Civil. Lei n. 11.770, de 9 de setembro de 2008. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11770.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11770.htm). Acesso em: 21 ago 2011.

Rezende, M. A et al. 2002. O Processo de comunicação na promoção do aleitamento materno. *Rev. Latino-americana de Enfermagem*. Março- Abril. V. 10, n. 2, p. 234-8.

Rigoni, Ana Carolina. 2009. Religião e educação do corpo feminino. *EFdeportes*. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 133. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em: 21 ago 2011.

Rodrigues et al. 2010. Ocitocina. Hormona da Confiança. In: Congresso. Vulnerabilidades na Gravidez e no Pós-parto. Contributos. Disponível em: <http://www.correntedinamica.com/lvcongrabril2010.pdf#page=182>

Sandre-Pereira, G. 2003. *Amamentação e Sexualidade*. Rev. Estud. Fem. v.11 n.2 Florianópolis jul./dez.. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v11n2/19132.pdf>. Acesso em: 20 ago 2011.

Schneider, A. B. 2001. *Amamentação e prevenção – Um estudo fonoaudiológico*. 55 f. Tese (Especialização) - CEFAC. Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, Itajaí, 2001.

Silva, Luciana Codognoto da e Dauber, Lia. 2008. Da amamentação aos afetos da vida adulta. *Interbio*. v.2, n.2 .

Tahushi et al. 2008. Motivação de Gestantes para o aleitamento materno. *Rev.Nutrição*. v.21,n. 5. p. 491-502, set/out.

Venâncio, S. e Almeida, H. 2004. Método Mãe Canguru: aplicação no Brasil, evidências científicas e impacto sobre o aleitamento materno. *Jornal de Pediatria*. v.80, n. 5 (Supl.).

Vygotsky, L.S. 1988. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. SP, Ed. Ícone. Editora da Universidade de São Paulo.

Vieira, E.S; Barros, S.M.O. de; Abraão, A.C.F.D. V. 2000. Sexualidade e Amamentação. Influências Históricas e Culturais. *Acta Paulista de Enf. Fórum Internacional de Enfermagem – Sessão Poster*. V.13, no. Especial, Parte II.

Xamã, G. P. 2010. A mulher, o seio e o leite. *Revista do Museu*. Portal Arqueomundo. Disponível em: <http://revistadomuseu.wordpress.com/about/>. Acesso em: 20 ago 2011.

WABA – World Alliance for Breastfeeding Action. 2007. Amamentação: A primeira hora. (Folder). Disponível em: [http://www.aleitamento.com/a\\_artigos.asp?id=x&id\\_artigo=1543&id\\_subcategoria=1](http://www.aleitamento.com/a_artigos.asp?id=x&id_artigo=1543&id_subcategoria=1)

Wandermurem, M. 2007. Corpo feminino, corpo sedutor, corpo profano: a construção teológica do corpo feminino como simbologia do mal. *Reger virt.: Rev. Gen. Relig.*, Salvador, v. 1, n. 1, p. 7-27, jan./jun.

## UM CERTO MÁRIO DE ANDRADE

Benedito Costa Neto Filho Unicuriúba<sup>2</sup>

### Introdução

“Profanar o improfanável é tarefa política da geração que vem”, segundo o filósofo italiano Giorgio Agamben. Não podemos profanar aquilo que foi retirado do comum dos homens e que não pode ser trazido de volta. Como exemplo, ela cita o caso dos museus e o das cidades que viraram patrimônio histórico da humanidade. Processo similar ocorre com grandes escritores e com obras a que tem acesso um número pequeno de especialistas. Certos escritores, já tornados “clássicos” são proibidos justamente no meio em que deveriam ser discutidos, o meio acadêmico, ora porque caso fossem estudados tomariam o lugar de escritores “menores”, ora porque ao, que parece, o acadêmico não teria conhecimento suficiente para estudar a obra de um “grande”. Machado, Rosa, Drummond, Mário de Andrade são exemplos disso, notadamente este último, cuja obra ainda não foi totalmente investigada.

Profanar Mário de Andrade – ironia das ironias – parece um desejo que agradaria ao próprio Mário. Profaná-lo não quer dizer achincalhá-lo, jogar lama à sua obra, desmistificá-lo e, sim, trazê-lo ao comum dos homens para que, assim, houvesse outros olhares sobre o homem, o escritor, o polígrafo.

Discutimos, então, um Autor neste texto, Mário de Andrade; então, discutimos também tudo que traz consigo, tudo o que foi dito e o que se diz, tendo em mente que há uma contradição nesse dizer, pois que não se pode dar conta desse “tudo”. Tão logo se realize, este mesmo texto fará parte de uma rede maior, ele mesmo mais um a atravessar uma noção de “Mário de Andrade”. Trata-se também de investigar um texto em particular do Autor, que veio a lume muito tempo depois de sua morte: *Balança, Trombeta e Battleship ou o Descobrimto da alma*, cujo título já seria *extenso e profundo* o bastante para ser pensado em outra rede de discursos, nem maior nem menor que a primeira, mais igualmente complexa. Tem-se em mente que o texto foi publicado por conta dos cem anos do nascimento do Autor, com edição crítico-genética da pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez<sup>3</sup>, e que esta característica – ou condição – não pode passar despercebida. A escolha do texto não descortina todo o palco em que atuou Mário, mas permite uma espiadela por detrás das cortinas.

Falamos de um Autor tido como um dos mentores do modernismo brasileiro. Nesse dizer, temos aí uma idéia de que: a) houve um movimento moderno brasileiro e b) que houve um movimento num determinado momento histórico, os anos 1920-1930.<sup>4</sup> Temos em mente que se trata de um polígrafo (quando não um polímata, pois pensemos na dificuldade do próprio Mário em preencher o campo “profissão” nos hotéis, segundo descrição dele mesmo). Temos o Autor do que é hoje um dos textos mais relevantes da Literatura brasileira, *Macunaíma*, o qual é constantemente mencionado ao lado de *Grande Sertão: Veredas* e de outros textos e autores basilares. Paralelamente, dentro da vasta rede discursiva que se formou sobre esse sujeito, esse escritor, cidadão, estudioso, polígrafo, encontramos textos que, por si só, encontraram status de investigações precisas sobre Mário de Andrade<sup>5</sup>. Diante desse quadro – ou dessa muralha – a impossibilidade de se dizer algo novo nos acena como uma *uiara verdadeira*. Não obstante, o saber caminha, como um rio que não para. As abordagens tão “verdadeiras” dos autores sempre ganham cores novas, novos jogos semânticos, novas possibilidades de interpretação, como o texto pudesse ser reinventado – e o é, de fato – de tempos em tempos. Há muitas teorias sobre leitura, sobre recepção, sobre interpretação – assim como há muita fantasia sobre as possibilidades de leitura das coisas – e não é momento de se fazer um levantamento delas. Mas vale a lembrança.

Este texto procura trazer à tona novidades sobre um texto de Mário de Andrade. Como qualquer outro texto ensaístico, percorre a penumbra. Evidentemente, não é possível ler tudo o que foi escrito sobre um Autor, seja lá quem for, e tal preocupação permeia cada raciocínio presente.

<sup>2</sup> costaneto@swi.com.br

<sup>3</sup> A edição em questão é ANDRADE, Mário de. *Balança, Trombeta e Battleship ou O descobrimto da alma*. Ensaio de Telê Ancona Lopez e apresentação de Antonio Fernando de Franceschi. São Paulo: Instituto Moreira Salles: Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

<sup>4</sup> Talvez o pensamento mais difundido nesse sentido seja o de Alfredo Bosi. Cf. . BOSI, Alfredo. *Situação de Macunaíma*. In: ANDRADE, Mário de. *Macunaíma – o herói sem nenhum caráter*. Edição Crítica. Coordenação de Telê Porto Ancona Lopez. Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des Caraïbes et africaine du XXe siècle; Brasília: CNPq, 1998.

<sup>5</sup> Os mais relevantes seriam justamente os de Alfredo Bosi e de Telê Porto Ancona Lopez e ainda abordagens interessantes de Haroldo de Campos, Mário Chamie, Manuel Cavalcanti Proença, Afonso Ávila e outros. Para que não sejam cometidas injustiças, em “outros” cabem muitos nomes que esse trabalho não pôde contemplar.

Mas o que se encontra aqui? Uma investigação sobre relações possíveis entre *Balança, Trombeta e Battleship* e um texto bíblico, *Balança, Trombeta e Battleship* e um texto de Vieira, relações possíveis entre Mário de Andrade e André Gide, e ainda considerações sobre semelhanças entre variados textos mariodeandradianos.

## 1 Uma Presença Vermelha

O título da narrativa pode sugerir uma série de relações intertextuais – e então interdiscursivas –, mas o diálogo com a Bíblia parece, a princípio, a relação mais lógica. A palavra *trombeta* se insere na Bíblia um grande número de vezes; já *balança* surge nas traduções para o português em número um pouco menor, mas *Battleship* – vocábulo cunhado num mundo “moderno” – não é encontrado uma única vez, obviamente, o que já traz a primeira (esta por oposição) de uma vasta rede de estranhezas a respeito deste texto de Mário de Andrade: *Balança, Trombeta e Battleship ou a Descoberta da alma*, doravante chamado BTB. De uma tradução a outra, de uma língua a outra, a variação numérica das aparições dessas palavras no texto bíblico é pequena; entretanto, mesmo para quem conhece pouco do texto bíblico, viriam à mente textos como os dos profetas ou um texto em especial, como não poderia deixar de ser, o do Apocalipse, por mera aproximação semântica. De fato, os vocábulos lá estão. Agora, a pergunta que se faz é: se existe a relação intertextual – por mais tênue que seja – qual seria a relação interdiscursiva, ou seja, qual seria a relação mais profunda que a da superfície do texto? Mas a questão ainda não seria resolvida de todo, pois faltariam ainda algumas eliminações. Segundo a crítica, historiadora e pesquisadora Telê Porto Ancona Lopez, deveríamos nos interessar pelas vezes em que *trombeta* e *balança* mostram-se vizinhas a *Josafá*<sup>6</sup> – nome tomado de empréstimo a uma personagem “real” a partir do qual teria tomado forma toda a história do processo narrativo de BTB – ou ainda na presença do termo *Juízo Final*, epíteto pouco simpático dado à rainha do café na viagem empreendida por Mário de Andrade, em 1927.<sup>7</sup> Disso resulta que, de todos os livros das Sagradas Escrituras, restam-nos, então, não *Revelação* ou os livros dos profetas – nos quais o nome das meninas nos viria à mente como natural surgirem entre meio a metáforas sobre o fim dos tempos, como visto –, mas sim *Joel*. Nesse livro do Antigo Testamento, surge pela primeira vez a questão do juízo sobre as nações: “Naqueles dias e naquele tempo, quando eu restaurar a sorte de Judá e de Jerusalém, congregarei todas as nações, e as farei descer ao vale de Josafá”<sup>8</sup>. Este rei é citado várias vezes, posteriormente, e sua história é narrada em pelo menos dois livros, 1 Reis 22: 41-54 e 2 Crônicas 17, 18, 19, 20 e 21:1. Mas nada da vida do monarca estabelece relação com o texto de Mário de Andrade.<sup>9</sup>

De qualquer forma, a descrição do lugar em que moram as meninas e onde as encontra *Battleship* remete mais ao paraíso do que ao Vale de Josafá<sup>10</sup>, não fosse a presença do nome Juízo Final, com o qual as meninas chamavam inocentemente Maria, a suposta mãe de uma das meninas, algo que *Battleship* não podia entender (pois, ora, eles viveriam a ingenuidade edênica, segundo esse caminho de análise). A presença do nome Juízo Final remete ao Apocalipse, certamente. Nesse livro, a palavra “*trombeta*” surge diversas vezes: há inúmeras<sup>11</sup> trombetas a anunciar diferentes acontecimentos no fim dos tempos. São as principais aparições do termo: 1:10, 4:1, 9:1 e 13:1, 11:15. Em 9:1 e 13:1, as trombetas (quinta e sexta) anunciam justamente a morte dos vivos. Diante disso, uma complicação se impõe se quisermos investigar cada elemento de uma possível relação entre o texto de Mário com esses trechos, uma vez que é *Balança* e não *Trombeta* aquela que aponta a morte da ingenuidade, e aquilo que a água levará posteriormente. Ou seja, *Trombeta* não seria a personagem metaforicamente (ou metonimicamente) tomada como “aquele (a) que mostra ou anuncia”. No mesmo território de análise, poderíamos pensar que o termo “*trombeta*” tivesse sido escolhido (num momento histórico que não poderíamos precisar de modo algum) para identificar aquela que traz o cavaleiro<sup>12</sup>, mas o território dessa especulação é bastante móvel. Já o termo “*balança*” surge apenas uma vez no Apocalipse – e nenhuma vez nos outros trechos – na mão de um dos cavaleiros do Apocalipse, o do cavalo negro<sup>13</sup>, sendo que tal símbolo não é explicado no livro. Mas sabemos que a *balança* está intimamente ligada à ideia de

juízo, não apenas na iconografia e na simbologia judaica ou cristã. Lembremos que é justamente *Balança* quem “julga” o comportamento de *Trombeta*, para ela uma “senvergonha”. Porém, na Bíblia, é o arcanjo Miguel (literalmente “o amado por Deus, ou em Deus”) que julga, após ter ouvido a última trombeta e ter lutado com o Mal. Miguel é representado desde a Renascença com uma balança e uma espada em punho.<sup>14</sup>

Em Apocalipse 20:1, surge “o rio da água da vida”, que remete ao primeiro livro da Bíblia. Não custa lembrar que, no entendimento cristão, a Bíblia “fecha-se” em si mesma, ou seja, retorna ao princípio, assim como seus ritos (a missa é um retorno ao primitivo<sup>15</sup>) e assim é como a patrística entende as próprias palavras de Cristo: ele é alfa e ômega, o princípio e o fim. A narrativa de Mário também finaliza com um rio – de chuva – que teria levado a ingenuidade dos três.

Parece haver um jogo metafórico com a palavra “*revelação*” e os acontecimentos da narrativa. Paralelamente, há outro recurso similar, com a ideia de descoberta (do começo, em alfa) e de fim (dos tempos, do ômega). Há ainda a descoberta do pecado (do começo) e o julgamento (do fim). A descoberta, tanto de um quanto de outro traz sofrimento, o que é de senso-comum na vasta massa discursiva do cristianismo. Depois, isso será verificado de acordo com o pensamento de Freud, ao menos de modo provisório.

Supondo que a narrativa dialogue com o Gênesis, é caso de verificar presenças. No primeiro livro da Bíblia temos a voz divina, a criação do mundo e dos animais e a criação do homem: Deus cria o homem “à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”<sup>16</sup> e “macho e fêmea os criou”<sup>17</sup>. Depois criou Eva, que foi extraída de Adão, de uma costela<sup>18</sup>. Em Gênesis 3 surge a serpente, que tenta a mulher a experimentar o fruto da árvore do Bem e do Mal, animal que é condenado por Deus a rastejar. Na narrativa de Mário de Andrade, há um elemento a mais, pois há três mulheres. Poderíamos supor que *Battleship* = Adão e que *Trombeta* = Eva, mas como designar *Balança*? E Maria? Primeiro, pensemos que Maria seja Deus ou a consciência divina, o olho que tudo vê, a onisciência e a onipresença.<sup>19</sup> Há pelo menos duas hipóteses interessantes: a) designar *Balança* como a serpente, o que poderia ser entendido nos trechos “sentada numa raiz” mas principalmente “enroscada num tronco áspero como ela”; b) designar *Balança* como Lilith. Esta segunda possibilidade é questionável porque os trechos citados do Gênesis são grande problema para o entendimento do texto sagrado, pois abrem a possibilidade de ter existido antes de Eva um ser andrógino, como ocorre em outras mitologias<sup>20</sup>. Tanto os místicos, os exegetas, os leigos, durante séculos, debateram se Adão teria sido um ser duplo (ou hermafrodita). Para a patrística e para os sábios judaicos ortodoxos, essa possibilidade sequer é discutida<sup>21</sup>. Porém, há infinitos textos apócrifos a tratar do assunto e seria caso de lembrar que na contracultura a figura de Lilith teve vasta recepção nos discursos feministas. Outro problema é que não podemos saber se o Autor terá lido textos talmúdicos ou rabínicos nem se teria pensado em utilizar os discursos orais sobre as possibilidades de se entender a figura de Lilith: a presença em Adão do feminino, um demônio sumério que rouba sêmen para que nasçam demônios, aquele(a) que “aponta o mal”. Em textos de célebres mitólogos, a questão de Lilith é menor; então, preferiu-se discutir tal possibilidade num momento posterior. De qualquer forma, há pelo menos duas mulheres nesse lugar que supomos edênico na narrativa de Mário de Andrade. Embora as diferenças discursivas que possa haver entre BTB e *Macunaíma* em relação a seu território de ação, em *Macunaíma* há inúmeras metamorfoses, o que nos obrigaria a pensar que em BTB as personagens não poderiam ser identificadas com uma marca imóvel e peremptória. Por que pensar em *Balança* ou *Trombeta* como Eva? Poderíamos pensar que ambas viviam o paraíso da inocência (na narrativa, por diversas vezes, as três mulheres são mostradas como “sem consciência”) e que *Battleship* mostrou a elas o caminho do “mal”, o “caminho das sombras”. Então ele seria a serpente. Esse vai e vem, esse jogo em BTB, evidentemente, ocorre de modo diverso do que em *Macunaíma*, pois aqui temos a metamorfose propriamente dita, ou a transformação ou ainda a falta

Vulgarmente, “espada” é um dos centenas de termos para “pênis”, principalmente quando ereto. Na narrativa, há uma cena em que *Battleship* percebe sua ereção. Essa possibilidade não é discutida no texto, mas em se tratando das ironias mariodeandradeanas, seria de interesse.

14 V. FERGUSON, George. Signs and symbols in Christian Art. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1972. Na Bíblia: 1 Coríntios 15:52 e Daniel 5:27. A espada, embora símbolo fálico e da morte, é um elemento que em outras mitologias representa a ordem, a lei e a fidelidade, tanto que uma espada separa amantes proibidos no ciclo de Arthur, a despeito da conotação sexual já expressada em nota anterior.

15 Sobre a questão, cf. ELIADE, Mircea. Mito do eterno retorno. Tradução de José Antônio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

16 Gênesis, 1:26.

17 Gênesis, 1:27.

18 Gênesis, 2:22. Na Bíblia: “Então, da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou a mulher, e a trouxe ao homem.” Na Torá: E fez o Eterno Deus (da) costela que tinha tomado do homem, uma mulher, e a trouxe ao homem.”

19 Como Mário não se cansa em mostrar a presença de Olívia Guedes Penteadada na viagem à Amazônia.

20 Sobre a questão, vale ainda o texto clássico de Mircea Eliade. V. ELIADE, Mircea. Mefistófoles e o andrógino ou o mistério da totalidade. In: \_\_\_\_. Mefistófoles e o Andrógino – comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

21 Não se descarta a possibilidade, não obstante, de se discutir isso do ponto de vista heterodoxo. Estamos às voltas com um Autor católico mas sempre preocupado com o profano e os diversos discursos religiosos e culturais.

6 Ou “Jeosafá”, conforme a tradução e o livro em que se encontra a história desse monarca de Judá. Nos escritos de Mário, encontra-se “Josafá”.

7 O texto em questão é O turista aprendiz e os comentários deste texto dizem respeito às anotações da pesquisadora na edição em questão: ANDRADE, Mário de. O turista aprendiz. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

8 Joel, 3:1-2. A edição da Bíblia em questão é da Alfalit, Brasil, de 1996; a edição da Torá é a da Sêfer, de 2001.

9 O monarca foi um rei exemplar de acordo com os preceitos judaicos, exceto no fim da vida, quando se aliou a outro monarca que não professava a mesma fé.

10 Ou ao Vale da sombra da morte, do famoso salmo 23:4.

11 No número sagrado para o Judaísmo, assim como serão em número de 7 as pragas finais, assim como são sete os braços da menorah, etc., tradição que se manteve em parte na cristandade católica, haja vista o número de velas acesas na missa papal.

12 Um dos cavaleiros do Apocalipse, aqui na vizinhança sonora e semântica com o “cavaleiro” *Battleship*.

13 Posteriormente, a iconografia cristã registrará Miguel – o arcanjo – como o portador da balança – e do julgamento. Por esse motivo, muitas vezes a balança surge ligada a uma espada. A balança não é elemento estranho em outras mitologias, sendo comum na egípcia e na chinesa, por exemplo. Também há uma ideia de “paralelismo” ligada à balança, o que pode ser um caminho interessante para análise.

de coerência do sonho (em oposição à vigília da psicanálise). Nenhum elemento de BTB faz dela uma narrativa surreal ou no plano narrativo do mito.

Entretanto, há mais um complicador nesse diálogo com o outro texto: Trombeta, ao sair do banho, sai “esguia, quase um silvo, um silvo sim de cobra”. Seria ela nossa serpente ou nosso princípio feminino? Seria ela a que aponta ou aquela que anuncia? Todas as hipóteses se mostram possíveis, unidas duas a duas, todas juntas, apenas uma.

Para finalizar esta investigação sempre limitada sobre a questão bíblica, passemos a falar de Maria. O nome por si só traz à mente a mãe de Jesus. No “diário” de Mário em pleno Amazonas, há a referência a D. Olívia Guedes Penteado como rainha do Brasil, rainha do café e ainda como Nossa Senhora, de onde vem a idéia de Maria, talvez. De qualquer forma, isso não tem tanta relevância porque a mulata Maria parece sentada – em seu paupérrimo trono – como o Juízo Final, como já esclarecido. Na tradição judaico-cristã, Deus não se manifesta, embora tenha uma voz, que tanto provocou discussões ao longo dos séculos sobre qual língua falaria, entre outras coisas, mas sempre *sem* forma manifesta. Para a cristandade, Deus, todavia, é onipresente e onipotente e esta realidade divina é um dogma para os cristãos. Podemos supor que Maria tenha essas qualidades, pois eu olhar é descrito como vigilante e censor. As meninas a temem e necessitam de sua aprovação, sendo a cena dos doces a mais representativa da questão. A comparação termina aqui, pois não é Maria que percebe algo inconveniente, pecaminoso ou estranho na cena do banho. Ao contrário, aquela que deveria proteger – ou punir – é justamente a indiferente ou a *interesseira*, como diria o próprio Mário, utilizando um vocábulo “tipicamente brasileiro”.

Á guisa de uma pequena conclusão: a relação intertextual, como sugere o nome, aponta textos mas não esclarece as relações interdiscursivas. Em nosso caso, há pelo menos dois complicadores: a) o fato de uma relação intertextual/interdiscursiva transformar um enunciado dado em enunciado novo – e portanto num discurso novo; b) o fato de a vasta rede de relações intertextuais/interdiscursivas de Mário eclipsar uma solução que poderíamos, num momento de fraqueza, crer verdadeira.

Também seria interessante lembrar outra Maria, a imaculada Conceição, que pisa a cabeça da serpente. Fora das descrições do Gênesis, tal imagem surge séculos depois, e tal devoção não passaria despercebida a Mário.

## 2 A Corça e o Tigre

Se a referência de Mário era Antônio Vieira e não o Gênesis, como aponta Telê Porto Ancona Lopez, então seria caso de encontrar o sermão em que Vieira trata do Vale de Josafá e do Juízo Final. Trata-se do Sermão da Primeira Domingo do Advento, proferido na Capela Real no ano de 1650. Nesse sermão, Vieira narra os acontecimentos do Juízo<sup>22</sup>, após a terra ter se “convertido em cinzas”, ter sido “abrasada”. Primeiro, haveria uma separação por grupos (santos, papas, reis, pessoas comuns) e depois uma separação do bom e do mau (entre marido e mulher, entre pai e filho, entre irmãos, entre amantes). Os salvos nasceriam de novo (ou morreriam de novo) para a eternidade e os condenados morreriam mais uma vez, no inferno. Vieira questiona, ainda, dos tipos de pecado, o de omissão e o de consequência. O trecho em que trata de amantes e que parece relevante é:

... se depois de tanta Majestade e adoração nessa vida, vier um Anjo e tomar pela mão, e o tirar para sempre do número dos que se hão de salvar: *Separabunt malos de medio justorum*.

Por este modo se irá continuando a separação dos maus em todos os estados do mundo; e naqueles em que por razão do sangue e do amor é mais natural a união, será mais lastimoso o apartamento.<sup>23</sup>

Da mesma forma como no texto bíblico, a palavra “trombeta” é citada algumas vezes, com o mesmo sentido (ou semelhante função bíblica); já “balança” surge apenas uma vez, no plural, sem especificação relevante.

Ora, tanto na Bíblia quanto nos sermões são citados dois nascimentos, o do Gênesis e o do Apocalipse (cuja separação de almas será feita justamente no Vale de Josafá). No primeiro nascimento, o homem nasce para sofrer e no segundo, nasce para viver, podendo também morrer uma segunda vez, se condenado. No Éden paulistano, temos nascimentos e mortes, escolhas e destinos, anunciados e julgados em uma balança. Até onde se encontra a narrativa (pois nada

<sup>22</sup> Alcír Pécora comenta que o sermão “admoesta as autoridades temporais e espirituais portuguesas, imaginadas como ‘réus’ no dia do Juízo”. Embora o caráter erudito da avaliação, fica aqui por curiosidade e para que a investigação do texto de Mário não pareça leviana.

<sup>23</sup> VIEIRA, Antônio. Sermão da Primeira Domingo do Advento. In: \_\_\_\_\_. Sermões. Tomo I. Organização de Alcír Pécora. São Paulo: Hedra, 2001.

impede que ela pudesse prosseguir), temos um encontro e uma separação, desenhada pela “primeira lágrima feminina” de Trombeta. Nesse momento, a menina está vestida de azul, como um anjo, ou melhor, “como um anjo brasileiro”, amestçado, lembrando os anjinhos das procissões do interior, ou, em nosso caso, dos anjos da tradição católica<sup>24</sup>. Mas a cor carregada pela menina (que houvera sido encontrada em vermelho, malgrado ser um vermelho esmaecido daquela que pode conhecer o amor em seu aspecto carnal, mas ainda não o terá experimentado), azul, é a cor tradicional de Nossa Senhora da Assunção, por exemplo. No Gênesis, não temos referência a Nossa Senhora, mas na iconografia cristã muitas representações de Nossa Senhora mostram-na a pisotear a cabeça da serpente, devido a esta passagem: “E inimizade porei entre ti e a mulher; e entre a tua semente e a sua semente; ela te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.”<sup>25</sup> É muito interessante pensar em Trombeta, nesse momento, como a virginal e em Balança como a pecadora. Mas o mais interessante é perceber nas meninas a intuição de Mário (presentíssima em outros textos seus) sobre a impossibilidade do maniqueísmo<sup>26</sup>, o que transformaria a relação com Vieira em mera questão textual (vocabular, principalmente, ou enunciativa, se é possível dizer assim) e não discursiva.

Não obstante a menina sair como um anjo na visão onisciente do narrador (e não de acordo com a visão de Battleship), o texto de Vieira nos conduz para uma possibilidade interessante: a de pensar Battleship como aquele que faz a separação no Vale de Josafá, ele, então, o Anjo. Vieira frisa que, após a separação entre pares, como dito, virão os anjos do Senhor, a separar os bons dos maus. Aí, Battleship é o psicopompo (aquele que conduz) mas também é o anjo que separa Balança de Trombeta, podemos imaginar, mas não aquele que separa os bons dos maus, e sim os limpos dos imundos, no sentido literal, e ainda os iguais a ele, pois que se vira (enxergara-se) numa das meninas, ao primeiro encontro de ambos.<sup>27</sup> A par com isto, pode estar o caráter daquele que ensina, que traz a luz (anjo, Prometeu, Hermes, professor), característica ambígua e comum a outras personagens de Mário, como Elza, de *Amar, verbo intransitivo*, e a professora de *Atrás da catedral de Ruão*, como se discutirá mais tarde.

Os bakhtinianos nos ensinaram que todo texto é um processo infinito de interlocução, e o texto de Mário de Andrade não poderia escapar a essa, digamos, realidade textual ou discursiva, mas no caso de Mário de Andrade tratamos de um polígrafo, preocupado com a fusão de discursos e com uma estética voltada para questões de avaliação e investigação da grande massa de discursos que *seriam* o Brasil e os brasileiros. Dada a vastidão de preocupações eruditas do Autor (música, literatura, saber popular, estética), é com certo conforto que podemos fazer tantas alusões, lembrando que são possíveis e não uma peremptória questão de verdade.

Na narrativa de Mário de Andrade, as meninas teriam criado os apelidos estranhos por conta de um sermão, ouvido aos pedaços numa igreja qualquer. Essa “igreja qualquer” com um “orador qualquer” a proferir um discurso semelhante ao de Vieira é mais uma das possibilidades de entendimento do texto de Mário, brasileiro, moderno, amante também do barroco e do popular, daquilo que se ouve na rua e do que se copia descaradamente de fora (apropriação, diga-se de passagem, nem sempre elogiada por ele).

Em Vieira, temos ainda o discurso sobre dois tipos de pecado, o da omissão e o da consequência, como visto antes, afora o fato de não haver privilégios na escolha dos homens, eruditos ou não, ricos ou não, papas ou não. Pergunta-se Vieira: “não saíste que os levantados e os condenados têm a mesma medida?”, logo depois de haver afirmado: “bem pudera Deus fazer que nascessem os homens todos iguais”. Esta questão da igualdade é extremamente relevante num autor como Mário, que sempre defendeu – claro que às vezes de forma ambígua – a brasilidade. Elza, por exemplo, em *Amar, verbo intransitivo*, despreza os brasileiros. Sua presença no Brasil dá-se, como a de outros alemães, porque a Alemanha estava “quebrada” após a Primeira Grande Guerra. Elza *sabe* que os latinos são seres inferiores, pois não apenas leu sobre isso (que foi discurso corrente do século XIX para o XX e base para ideologias da direita europeia), como *sente* isso. Certamente, Elza não pode entender seu amor por Carlos, então passa a encontrar no jovem forças, como a do físico de atleta e do pundonor diferente do do pai. Mas Battleship vê logo seu desprezo pela menina dissipar-se e ele não vê diferença entre as meninas, embora sua excitação surja com a segunda, que se banha. Não temos uma avaliação profunda de seus sentimentos, mas sabemos que ele “se viu” e isso nos basta, por ora. Em uma singela passagem da narrativa, Battleship ajoelha-se no chão (para ele quase um absurdo, devido à sujeira) para auxiliar uma

<sup>24</sup> Vale lembrar que há muitos anjos mulatos desde o barroco brasileiro, como é o caso dos anjos de mestre Valentin. Seria caso de investigar se Mário utilizou-se desse dado como respaldo, ironia ou simplesmente resgate de uma rede de imagens e de textos possíveis.

<sup>25</sup> Torá, Gênesis, 3:15. Na Bíblia: “E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua descendência e o seu descendente; este te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” A variação de uma tradução a outra é bastante relevante, pois a mesma passagem é tomada como referência a Maria e também a Jesus, para os católicos.

<sup>26</sup> Embora isso possa ser lido de outra forma: o avesso de uma vida feliz é a prostituição (ou uma vida “perdida”). Acreditamos que a preocupação em BTB seja mais complexa e profunda. Exemplos de perdição: Piá sofre? Sofre, O besouro e a rosa, Foi sonho, etc.

<sup>27</sup> Há um verso muito curioso de Mário de Andrade sobre a questão do jogo dos espelhos entre o amante e o ser amado: “Não há senão Narciso entre nós, lagoa”. In: Girassol da Madrugada, poema de 1931.

das meninas, *igualando-se* a ela, colocando-se no mesmo nível.

Quanto à questão dos pecados, os dois trechos mais relevantes em Vieira são:

A omissão é o pecado que com mais facilidade se comete, e com mais dificuldade se conhece; e o que facilmente se comete e dificilmente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um pecado que se faz não fazendo: e pecado que nunca é má obra, e algumas vezes pode ser obra boa; ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados em este pecado.<sup>28</sup>

E:

Pecados de consequência é o segundo escrúpulo. Há pecados que acabam em si mesmos; há outros que depois de acabados ainda duram em suas consequências (...) porque os passos passam, as pegadas ficam. O que fica dos pecados é o que Deus mais particularmente examina. Não só se há de nos pedir conta dos passos, senão das pegadas. Não só se nos há de pedir conta dos pecados, senão das consequências.<sup>29</sup>

Quase irresistível questionar se Battleship, para não *incorrer* no pecado da omissão, teria pecado por consequência. Se a pergunta é meramente possível, sabemos que não, que não teve escolha, que se deixou levar menos pelos instintos que pela naturalidade. Se seu “pecado” tiver (ou tivesse) continuidade, jamais saberemos. Em versões mais antigas da narrativa, uma das mulheres se tornou virtuosa e outra perdeu-se.

Por fim, há a ideia de um lugar onde haverá o Juízo (onde, de acordo com Vieira, caberão todos os homens que viveram sobre a Terra, não obstante a pequenez do Vale). Em BTB, temos o lugar singelo, pequeno, quiçá, e as pessoas a serem julgadas, a serem salvas ou a serem condenadas, enfim. É um Éden-Vale de Josafá, onde é possível nascer e morrer ao mesmo tempo, o que é a fusão ousada de um diálogo com o texto sagrado, passando ou não por Vieira.

### 3 O Caminho Velho da Borda do Campo

#### 3.1 Como Convém aos Exilados

No começo da narrativa, temos dados curiosos. Um jovem solitário, sem pais, aos dezessete anos tendo já a experiência de duas prisões. Entretanto, o narrador nos informa de que há poucas informações sobre o rapaz, como se seu passado não nos interessasse. O primeiro contato com algo que seja brasileiro é uma festa, o que poderíamos chamar de traço conhecido do Brasil, um lugar comum que liga “Brasil” a alegria, festa, carnaval, etc.<sup>30</sup>. Ocorre que a festa não tem – como poderíamos supor – aguardente brasileira e, sim, café. E uma festa regada a café é, ao menos, curiosa. A placa, em português, informa isso: “Café do Brazil”, grafado com “z”, grafia comum até a mudança ortográfica de 1943 e discutida por Mário em vários momentos de sua escrita. De qualquer forma, é de se perguntar se a expressão é em duas línguas, pois o Autor não escolheu um sintagma do tipo “Brazilian Party” ou “Brazilian Coffee”. Até o momento, o rapaz nada conhecia (conheceria) da língua portuguesa, como se verá além. Na festa do café, o protagonista desenvolve suas habilidades, sem um “olho” que o vigie, porém vale lembrar que, se Juízo Final teria sido num momento primitivo alusão à rainha do café (como se supõe das anotações do próprio Autor), é curioso que o rapaz encontre justamente uma “festa do café” em Londres. A ponte que liga os dois pontos não é clara nem evidente, de fato, apenas nos acenando de longe. Evidentemente, outro discurso subjacente a esta circunstância é a própria situação do café brasileiro em relação aos interesses ingleses. Deixando de comprar café brasileiro para importar o chá indiano ou cingalês, a Inglaterra deixou de comprar parte do café brasileiro, e é conhecido o investimento inglês no Brasil, em vários setores da economia. É bastante curioso não apenas o fato de o rapaz não conhecer o café como é relevante o fato de tê-lo considerado mais saboroso que o uísque, bebida de alto teor alcoólico como a cachaça (que sequer é mencionada). O rapaz suspira “pela primeira vez”, o que faz iniciar uma grande rede de descobertas. Paralelamente, temos mais um jogo

28 P. 379; op. cit.

29 P. 380; op. cit.

30 Sabe-se que houve festas brasileiras relevantes na Europa dos anos 20 e 30 (e depois, com Chateaubriand) do século XX. Evidentemente, não eram festas para pessoas como Battleship; lembramos, também, que Mário nunca foi a uma dessas festas. Paulo Prado, por exemplo, participou, em 1925, de uma dessas festas, com Blaise Cendrars. Quanto à questão do café, parece ter perseguido o homem Mário de Andrade: ele foi amigo não apenas de Olívia Guedes Penteado como também de Paulo Prado. Viveu numa época em que o café era a grande riqueza do país e em outra em que o café foi sinônimo de bancarrota, incluindo a de amigos seus, como Tarsila do Amaral. Quando da compra do manuscrito de Padre Anchieta (que seria um atestado de “nascença” de São Paulo), Paulo Prado sugeriu o preço do documento por sacas de café, justamente. O café surge ainda como preocupação estética, em obra inacabada chamada “Café” e em múltiplas e variadas situações de escrita na obra de Mário de Andrade.

sutil de insinuações: um rapaz pobre e marginal num país tão rico e tão poderoso quanto a Inglaterra não deixa de ser intrigante, assim como seu pretensioso apelativo, Battleship, o mais poderoso dos navios de guerra. Não é necessário recorrer a textos eruditos para saber o quanto a marinha de guerra inglesa foi poderosa (e ainda o é, bastando lembrar o episódio da defesa das Falklands, quando a Inglaterra enviou para as ilhas uma esquadra poderosíssima) e o apelido do rapaz nos remete a essa grandeza de seu tempo, mas também a uma poderosa ironia. Mais tarde, ao ver a menina pedinte, Battleship ver-se-á um pouco nela, e não pensará em glórias antigas da grande nação portuguesa, que um dia haverá mostrado ao mundo uma poderosa armada, e sim no quanto são parecidos, na pobreza, na tristeza, na solidão quiçá, mas sobretudo na falta de perspectivas ou na ilusão de um mundo cuja presença do outro massacra.

Na mesma festa, o rapaz não se interessa pelo que considera semelhante ao do Velho Mundo. Seu interesse recai sobre uma “selvagíssima paisagem verde e amarela, dum calor de esporte, índios, redes, palmeiras e ele rei sem medo”, maravilhado com a seara<sup>31</sup>. Esse desejo de um inglês não seria novidade, fazendo eco a muitos outros desejos de antes, de navegantes do período das descobertas, de aventureiros interessados em descobrir o El Dorado ou a sagrada arca, de sacerdotes e missionários encarregados da conversão de infiéis, de artistas viajantes, dos viajantes que hoje poderíamos chamar cientistas, e que nos deram as bases para muitas das ciências em voga ainda hoje. Não deixa de ser relevante o fato de a festa comemorar a Proclamação da República. Em São Paulo, Battleship encontrará Balança em outra comemoração, a da Independência. Haveria um mistério nessas revelações? Primeiramente, Battleship descobre o Brasil; depois descobre algo mais *no* Brasil. A presença da menina em São Paulo (semelhante a Londres em vários aspectos, na fantasia ou não do discurso de Mário) é o encontro de um dos muitos espelhos que refletirão a face de Battleship.

Há um vácuo de (quase) dois anos, quando o protagonista faz um périplo pelo Mediterrâneo<sup>32</sup>. Vai ao Egito – então um protetorado inglês<sup>33</sup> – e depois regressa doente à Inglaterra. Depois, resolve voltar ao Egito e, para tanto, consegue um trabalho de “stewart”<sup>34</sup> num navio, mas foge em Lisboa, indo para Madri e depois Barcelona. Numa das versões do Autor, o protagonista rouba pessoas no Alhambra, mas na versão de que nos ocupamos essa aventura foi suprimida, o que não diminui o caráter satírico, como propõe Bakhtin sobre heróis desse tipo, das aventuras do jovem inglês.<sup>35</sup> Quanto ao Egito, não seria novidade a presença de um europeu no Norte da África. Tanto os relatos históricos quanto os ficcionais tratam de viagens à região. Para citar somente um autor caro a Mário de Andrade, há o caso de André Gide, que não apenas conhecia a África árabe como situou uma de suas mais famosas narrativas justamente na Tunísia. A narrativa gideana é extremamente erotizada, mergulhada numa atmosfera de medo e de pecado, muito semelhante ao tom final deste relato de Mário de Andrade. Tal comparação força aqui um longo adendo.

Battleship faz ecoar um sem número de fantasias a respeito desse nome: Melville, Stevenson, Dickens *peut être*, e sua grandiloquência é forte o bastante para plasmar a ele a própria grandeza da Inglaterra, país mais poderoso do mundo à época da escrita da narrativa, mas talvez seja Dickens o Autor mais próximo das potencialidades de sua interpretação. Em Dickens há uma pureza ainda não maculada pela descoberta do Mal, o que não ocorre em Stevenson ou Melville, principalmente.<sup>36</sup> Mas é hora de fazer comparações, por mais ousadas que possam parecer. Comparar Mário a Gide surge como um contrassenso, mas uma aproximação entre eles pode ser possível. Vejamos. Em *O imoralista* – talvez a obra mais conhecida e de influência do jovem Gide – Michel casa-se sem amor com Marceline. Numa viagem ao norte da África, feita em decorrência da frágil saúde do rapaz, Michel descobre um mundo estranho, de belezas e interesses. Marceline convida para o quarto do casal jovens tunisinos que fazem trabalhos manuais. Michel encanta-se com alguns, apaixona-se ora pela beleza, ora pela saúde dos rapazes, a ponto de não se importar com um roubo cometido por um dos jovens, Bachir. Na Itália, beija um jovem siciliano que se deixa ser beijado. Seu amor por Marceline é falso e não pode ter continuidade. Após deixá-la, vive um misto de culpa e de inconformismo. Em *A sinfonia pastoral, um rapaz auxilia uma “alma piedosa, pobre e abandonada”, uma moça cega. Ajuda-a e encontra cura para ela. Nesse*

31 Dados da Embratur mostram-nos que ainda hoje o grande interesse dos estrangeiros pelo Brasil diz respeito à Natureza selvagem. Há interesse, ainda, pelo Carnaval e, tristemente, pelo comércio, por vezes ilegal, do sexo.

32 Se no mundo imaginado por Mário, havia preocupações com dados históricos, Londres passava por situações dramáticas. Uma enchente provocou pânico em 1928, na cidade, trazendo mortes e doenças. Também não havia trabalho para todos, nem comida.

33 Na verdade, isso não é relevante e é incerto no texto. A primeira delegação enviada à Inglaterra para negociar a independência do Egito viajou a Londres no ano de 1919. Mas vale lembrar que os ingleses permaneceram fortemente instalados no Egito, com empresas de toda sorte. Em 1924, Lord Carnarvon ainda teria problemas com a oscilação do relacionamento diplomático entre os dois países. Relevante é, sim, lembrar que a presença inglesa foi bastante forte em toda a região até a Segunda Guerra Mundial.

34 Na edição genética em questão, a grafia é como está no texto, com “t”. Possivelmente, um erro da revisão ou uma confusão do autor. A grafia para o ajudante de serviços gerais num navio, encarregado de servir as pessoas, é com “d”.

35 Cf. MIKHAIL, Bakhtin. Apuléio e Petronio. In: \_\_\_\_. Questões de estética e de literatura – a Teoria do romance. São Paulo: Unesp, 2003.

36 Pode-se pensar em dois momentos de Melville, interessantes: o Melville de Moby Dick, certamente, com sua atmosfera religiosa, e no Melville de Billy Budd. Embora Billy Budd seja um Tammuz moderno, há muitos pontos em que sua descrição lembra a de Battleship, principalmente no que se refere à misteriosa ingenuidade de ambos. Os dois também são fruto de uma sociedade rica, mas cercada por um universo terrível de pobreza e de violência social.

processo, acaba por se apaixonar, mas teme que ela entenda mal seus sentimentos. Já em *A porta estreita*, Jérôme e Alissa se amam, mas a consumação do amor de ambos é impossível, pois Alissa é atormentada pelo passado da mãe. Sua fé religiosa não permite que possa ser feliz ao lado de Jérôme. O amor só será possível e feliz numa obra posterior de Gide, *Os moedeiros falsos* e de forma curiosa, entre tio e sobrinho e, ainda assim, um amor às escondidas. A atmosfera das primeiras narrativas de Gide é absolutamente arrasada por uma moral religiosa cristã. Ora o amor é impossível porque se inicia estéril, ora porque há um muro (ético) intransponível entre os amantes, ora ainda porque existe uma culpa antidiluviana que separa as almas. Não obstante a prosa de Gide (principalmente a dessas narrativas) ser arrastada e requintada, a construção de suas personagens é absolutamente moderna. Não há o que poderia se esperar das personagens românticas e nem mesmo o que se esperar de uma “coerência de sentimentos”. Nesse aspecto, lembram muitíssimo a Elza de *Amar, verbo intransitivo*. Por isso, as narrativas de Gide foram comparadas a obras expressionistas, como assinala Giulio Carlo Argan: “para André Gide (o equivalente literário de Matisse, apesar de incompreendido pelo pintor), a obra literária é um sistema autônomo e fechado, cuja lei estrutural não consiste de verossimilhança dos eventos narrados nem na coerência psicológica dos personagens.”<sup>37</sup> Dentro do projeto estético de Mário de Andrade, interessa-nos justamente essa falta de “coerência dos personagens” e também a atmosfera de culpa-castigo existente, principalmente porque se percebe que o amor em Mário é quase uma impossibilidade. Disso resulta que procurar coerência nos gestos de Battleship é algo infrutífero.<sup>38</sup> Deixamos claro que tal aproximação é meramente informal. As citações de Gide, feitas aqui e ali, por Mário, não nos dão certeza da *influência* de Gide na obra do autor brasileiro. Pensa-se, sim, em algo maior, na questão dos discursos que fazem parte do próprio modernismo, antes de mais nada. Aqui finaliza-se o parêntese.

Em Barcelona, temos um primeiro gesto de caridade. Ele pensa em doar o casaco a uma senhora e desiste, uma vez que o casaco levado ao braço fazia dele alguém elegante. Tal característica é lembrada quer em Londres, quer na Espanha e será um desafio em São Paulo (terá de disfarçar o que chama a atenção) e ainda na convivência com as meninas sujas. Nesse país – a Espanha – resolve tomar um navio para Buenos Aires, ainda conhecida como a Paris da América. Importante frisar que as aventuras de Battleship passam por importantes cidades portuárias (exceto Madri), o que explicaria parte de sua personalidade. Portos são cidades movimentadas, por onde passam as riquezas, são lugares de todo tipo de facilidades (prostituição, gente aglomerada, diversidade, facilidades linguísticas, etc., do que se falará mais tarde).

A primeira aventura no Brasil deste personagem até então à Dickens fica por conta do amigo marinheiro. Não há nenhuma menção a algum interesse sexual do marinheiro em relação ao jovem Battleship, mas o jovem se sente incomodado. Não podemos supor até que ponto haveria algum interesse do Autor (ou do narrador) em trazer subjacente uma possível situação homossexual, porém relatos literários não nos faltariam se precisássemos de suporte para este questionamento, valendo lembrar pelo menos dois, o já citado *Billy Budd*, de Melville, e *Bom Crioulo*, a narrativa brasileira. Neste momento, o rapaz seria virgem, mas podemos imaginar que sua vida pregressa (com já “duas prisões”) já devesse dar-lhe uma visão dos “perigos” possíveis do mundo, e saberemos disso depois, quando são mencionadas as prostitutas londrinas, com as quais não tinha nada além de toques de mão e talvez beijos. De qualquer forma, Battleship mostra-se o tempo todo inseguro com o olhar, seja ele qual for. Várias são as vezes na narrativa em que ele se queda terrivelmente descontente com o olhar alheio – ou como a presença do outro – até mesmo porque a presença do outro não cai bem com a profissão do jovem. O rapaz sente “uma estranha nostalgia de sofrer”, todavia, e vê “nos transeuntes a figura fatigante do companheiro”.<sup>39</sup> Tal dúvida – que parece ir ao encontro da atmosfera lúbrica dos portos, evocada nos textos citados – não é novidade em Mário de Andrade: tem nas proximidades o exemplo de *Frederico Paciência*, em suas angustiantes dúvidas e incertezas. De qualquer forma, o ocorrido apenas intensifica a atmosfera de pecado-amor-sedução-descoberta que fica mais intensa à medida que a narrativa cresce. Esse efeito não se manifesta apenas no âmbito da sexualidade, pois surge em outros campos, em outras descobertas, do mundo, das pessoas, de si mesmo, do paladar, das possibilidades do agir, como se a pequena narrativa fosse um romance de formação condensado. Aqui, mais uma vez as descobertas lembram o texto gideano (guardadas as devidas proporções, como o interesse de Mário por uma escrita mais popular, por exemplo; embora a limpidez dos textos de Gide, ele não se deixou levar pelas aventuras modernas de investigação da escrita, como mencionado em nota), principalmente se pensarmos no efeito do acaso na vida das pessoas, como no texto *Os moedeiros falsos*, produção posterior a BTB. Mas voltamos ao Battleship de Mário.

37 ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna – do Iluminismo aos movimentos contemporâneos*. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P. 232.

38 Faz sentido, também, pensar em expressionismo na estética de Mário como arte engajada em oposição à arte de fuga que seria característica do impressionismo no entender de Argan.

39 O que nos remeteria, mas uma vez, ao Michel de Gide. Telê Porto Ancona Lopez também compara esta atmosfera expressionista à de Walt Whitman. Cf. pós-fácio a Macunaima in: Andrade, Mário. *Macunaima – o herói sem nenhum caráter* São Paulo: Circulo do Livro, 1984.

O Brasil é um país de “abraços”, de proximidades que permitem ao profissional uma vida de êxitos. Este discurso sobre a felicidade e a proximidade dos brasileiros frequenta muitos textos de Mário (a idéia de um “povo cordial” virou lugar-comum em muitos discursos, aliás), e já se transformou também em lugar-comum sobre o Autor. Mas Battleship se pergunta pela primeira vez pela língua dos brasileiros. Reparemos que esta preocupação não o assaltara no Egito ou na Espanha e não o preocupara quando de sua tentativa de ir a Buenos Aires. Mas aqui a ironia continua marca do texto, e os brasileiros, além de cordiais, “advinham todas as línguas do mundo”, talvez sendo bastante passivos em relação ao estrangeiro – o e poderíamos nos perguntar se mais em relação aos estrangeiros europeus. Nessa época as crianças que podiam estudar aprendiam francês nas escolas, talvez latim, e só muito depois o inglês viria a ser língua obrigatória nos bancos escolares brasileiros. É lugar-comum também afirmar que o brasileiro se esforça para entender os estrangeiros, mesmo no próprio território brasileiro, e que os estrangeiros não se esforçam para entender o português. Ainda na linha dos lugares-comuns sobre os brasileiros, eles apresentam “uma tal sensibilidade nos corpos” que fica difícil a ação do batedor de carteiras. Então, resta-lhe roubar estrangeiros, que não apresentam uma ginga, uma malemolência típica, ao menos, do fluminense, ou daquele que mora no Rio de Janeiro.

Se Minas Gerais não é terra para boas searas – afinal o ciclo do ouro havia acabado havia tempos – São Paulo seria seu El Dorado. Os paulistas não apresentariam a esperteza dos cariocas e ainda seriam mais generosos quanto aos espaços ociosos da carteira. São Paulo é uma terra de arranha-céus, e é cosmopolita, como Londres, com policiais “circulando com poses fotográficas”. Neste texto, talvez como em nenhum outro de Mário, há uma preocupação muito grande com representações que são típicas do universo fotográfico. Curioso notar que a cidade de São Paulo desde a década de 1880 tivera inúmeros registros fotográficos e que houve o que hoje se convencionou chamar de “febre fotográfica”<sup>40</sup> nas grandes cidades brasileiras do século XIX. Algumas passagens, como esta dos policiais, parecem descrições de fotografias, como se pode constatar pelas fotos “fabricadas” de situações típicas da cidade. Embora haja uma preocupação quase doentia do fotógrafo em registrar ruas nuas – o que seria mais belo ou mais verdadeiro após a primeira preocupação, a técnica – centenas de fotografias mostram justamente o movimento de pessoas e ainda personagens típicas das cidades, como vendedores diversos, policiais, pobres, etc. É do conhecimento de todos a paixão de Mário pela fotografia, ele mesmo um fotógrafo extremamente interessado na fotografia como registro pessoal, *etnográfico*, de memória, enfim. A ligação dos textos de Mário com a fotografia ou com o cinema já foi algures mencionada, mas não há até agora um estudo profundo sobre tais possibilidades de interdiscurso. Fica aqui, então, apenas um registro para, talvez, trabalhos posteriores.

Mais uma vez de volta ao personagem Battleship, percebemos que ele guarda semelhanças com outra extraordinária *invenção* literária de Mário, Elza. Ambos são estrangeiros, ambos têm uma profissão estranha, incomum ou antiética aos olhares burgueses<sup>41</sup> (e não apenas aos olhares burgueses de sua época), têm respeitável diferença de idade em relação ao objeto de seu amor (amor?), guardam relativa distância desse objeto amoroso, ora o rejeitando, ora se aproximando dele, mas sempre sem entendê-lo; se Elza muitas vezes é a figura materna, Battleship é a paterna, mas seus amores são anticonvencionais (mas não confundamos o amor de Battleship ou o de Elza – aqui abertamente nomeados como tal – com pedofilia) e, talvez por isso mesmo, não compreendidos, embora sejam em essência diferentes entre si, se tomarmos a distinção freudiana entre amor de posse e amor de identificação; ambos têm facilidade de adaptação, tanto linguística quanto em outros níveis (o que no discurso sobre Elza parece ironia em relação à supremacia europeia, o que fica atenuado em Battleship, talvez pelos interesses discursivos entre os dois textos). A profissão de Elza “se resume a ensinar os primeiros passos, a abrir os olhos”; ela sabe que o “nobre destino do homem é conservar-se sadio”<sup>42</sup>. Na produção escrita de Mário encontram-se contradições muito interessantes: por um lado temos o moderno que não refuta os caminhos possíveis da modernidade europeia; ao mesmo tempo encontramos um discurso pela procura do que seria brasileiro, verdadeiramente brasileiro, o que poderia ser encontrado na cultura popular. Curiosamente, no discurso de Mário temos a oposição entre o popular e o erudito, o que seria colocado em xeque pela crítica muito posterior a Mário, mesmo se deixarmos de lado as discussões bakhtinianas sobre cultura de massa e ainda a influência dos alemães, apenas absorvidas décadas mais tarde. Se Mário foi xenófobo ou deslumbrado com as possibilidades estrangeiras de discurso artístico, se viveu intensamente esta esquizofrenia, se mudou de pensamento ao longo da vida, se viveu um vai e vem, etc., não podemos afirmar nem cabe aqui discutir, mas tanto Elza quanto Battleship bem

40 Sobre estas questões, foram lançadas nos últimos tempos inúmeras obras, mas citam-se aqui, duas: GRANJEIRO, Cândido Domingues. *As artes de um negócio: a febre photographica – São Paulo: 1862 – 1886*. São Paulo: Mercado de Letras, 2000. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. *O olhar europeu – o negro na iconografia brasileira do século XX*. São Paulo: Edusp, 2002. Ambos os textos tratam da fotografia no século XIX, mas trazem números interessantes do fenômeno da fotografia no Brasil e ainda intuições formidáveis sobre a força discursiva dessa forma de representação no Brasil. Não há trabalhos de crítica de Mário de Andrade sobre fotografia, mas há inúmeros registros fotográficos produzidos pelo próprio Mário.

41 “[...] tão nobre quanto as outras [profissões]”, segundo a consciência de Elza. P. 77.

42 P. 63.

poderiam ser entendidos como uma personificação dessas guerras discursivas, desses confrontos, desencontros. São personagens em conflito e excelentes representações de um encontro maior do que eles, hoje criticado duramente pelos historiadores, pelos sociólogos, pelos críticos literários das novas escolas de análise discursivas – e com fortes razões, vale lembrar –, mas que teve sentido durante décadas, senão séculos: o encontro de dois mundos, o que em plenos anos 20 do século passado deveria fazer um grande e inequívoco sentido. Mas mesmo que Mário estivesse enganado em relação a essa bipolaridade, a esse confronto imaginário de duas potências fechadas e monológicas (sem contar com a diversidade delas), o resultado estético é fenomenal. Tanto Elza quanto Battleship (e certamente mais ela do que o ele) sofrem com o encontro, absolutamente incapazes de compreendê-lo em sua totalidade. Hoje, lemos pelos olhos da filosofia (ou da antropologia de Roy Wagner, dos estudos literário-políticos de Edward Said), principalmente, que tal totalidade seria, de fato, impossível. Não custa lembrar, também, que outros realismos literários brasileiros já haviam discutido as possibilidades de encontros entre mundos. Um famoso texto sobre tais encontros, *Canaã*, não deveria ser de todo desprezível para os modernos, embora sua escrita fosse *old fashioned*.

O rapaz, aos vinte anos, é um “efebo, cara esmaltada” com “vinte anos imberbes”. Numa época em que a expectativa de vida do brasileiro era tão baixa que um jovem de vinte anos era considerado já um senhor, a idade do rapaz afigura-se como uma necessidade forçada mais pela lógica da narrativa a que não temos acesso do que por uma realidade sociocultural dos anos 1920. Poderia ser simplesmente a fidelidade a uma situação da vida de Mário, quando da viagem ao Amazonas. O inglesinho poderia ser ainda mais jovem, pois a história registra centenas de nomes de jovens que teriam deixado a Europa sem problemas para embarcar. De qualquer forma, o rapaz não é apenas obcecado pela aparência: ele é maníaco por higiene. Exatamente como sua descrição etária, a questão da limpeza parece ser mais outra imposição da lógica da narrativa (que se oporá à sujeira das meninas) do que uma lógica, digamos, histórica. Um batedor de carteiras do submundo londrino deveria ser sujo, mas Battleship, nesse ponto, lembra mais os sofisticados dândis wildeanos, os de Evelyn Waugh, os de Forster. Ao mesmo tempo em que veio do submundo, rejeita as características dessas personagens, fazendo-nos, então, duvidar de uma ligação com Dickens ou Stevenson ou Gide, como proposto. De qualquer forma, temos diante de nós um texto de fusões, como já dito, e pensar numa mescla de Alfred Douglas (Mário cita *De profundis* não apenas uma vez), Billy Budd e os jovens livres de Walt Whitman (também citado pelo Autor) não parece sandice.

O encontro com a primeira menina é crucial para uma descoberta. Aqui também existe uma atmosfera de “primeira vez” que percorre a narrativa: como num jogo de espelhos, Battleship vê uma menina de seios tímidos, ainda não “mulher”, o que lhe provoca raiva, algo inexplicável, assim como sua insegurança em relação ao marujo. Ao mesmo tempo, Battleship quer se vingar da menina apressadamente porque ela “estava porca”.<sup>43</sup> Há duas possibilidades básicas de se compreender sua angústia. Primeiramente, para um homem obcecado por higiene, seria inadmissível uma pessoa jovem como ele (embora a diferença fosse, segundo seus cálculos, de seis anos) estar suja. Depois, pelo fato de uma pessoa, então tida como ladra, estar tão mal apresentável. Lembramos que Battleship cuidava de sua aparência para “ir trabalhar”, como um contínuo, um meirinho, um contador, etc. No princípio, a menina usa um vestido “que nem tinha mais cor de vermelho sobre o corpo repelente”. Nota-se que ela é indesejável por ser suja, não por ser nova ou por ser desastrosamente ingênua aos olhos de um profissional. Depois, cobrir-se-á de azul, mesmo após a “revelação”, ou seja, quando deveria usar vermelho, cor ligada popularmente ao erotismo. Desde o início, também, há a necessidade de um expurgo, de libertar-se da menina “para voltar ao prazer de si mesmo”. Há necessidade de purificação, de descartar aquilo que não é permitido, que não é bom. Este trecho, tomado isoladamente, não evocaria jamais o texto bíblico ou os discursos orais sobre o pecado (ainda dentro de um contexto religioso), mas, iluminado pelo trecho “edênico” que vem depois, ganha um sentido novo. Haverá o expurgo pelo banho, pelo batismo, ablução, libação, etc.

Uma segunda imagem de si (o que poderia vir mais uma vez sob a chancela do “pela primeira vez”) ocorre quando, ao ver os olhos da menina, teve a visão de “que era um desgraçado também”. A cena é um jogo de espelhos muito interessante e brilhantemente construído. Temos um gigante ao lado de uma criatura frágil, mas eles se espelham, o que não ocorre com Elza em relação a Carlos. Mas um espelho diante do outro mostra não apenas semelhanças como também diferenças, que caminham num infinito possível de repetições.<sup>44</sup> Nesse momento, ambos são levados como que a outro mundo (um mundo de descobertas) para depois voltarem a seus corpos, a seus postos, a suas condições. De uma forma ou de outra, eram ambos desgraçados. Não importava o asseio de Battleship, pois ele tal qual a menina teatralizava, preocupava-se em não ser visto (diferente dela, que necessitava ser vista, daí outro jogo de contrários) e fazia isso, exatamente como ela, de forma pensada. Há, também, nessa cena, o encontro de dois mundos, distantes e

<sup>43</sup> Ocorreria aqui uma ironia a Os miseráveis? Jean Valjean não se apaixona pela menina de quem promete cuidar. É sabido, porém, que Mário se identificava com os ingleses – e não com os franceses de Victor Hugo – isso nos leva a crer na possibilidade de haver características de Mário em Battleship. Essa habilidade ou liberdade criativa não são incomuns em textos seus.

<sup>44</sup> E se repetirá mais tarde no sentido contrário.

não dessemelhantes<sup>45</sup> como discutido antes. Isso poderia ser uma surpresa para o rapaz. Quanto aos aspectos estilísticos, o narrador frisa o cenário *fake*: há soldados que “valsam de focas de music-hall” enquanto é necessário o retorno a um mundo real, que se opõe também à festa da Independência, que acaba quando os pasteleiros se vão, algo que ecoa (ou, no caso, antevê?) o *Primeiro de Maio* de *Contos Novos*. Há um universo deslocado de um “eu”. Tal engajamento que se dá em duas frentes – a do escritor e artista e a do personagem em *Primeiro de Maio* evocam mais uma vez o dizer de Argan sobre o expressionismo. Se é adequado dizer que Mário é um exemplo do expressionismo, este seria o melhor ponto para encontrar características desse movimento. Em BTB, esse ponto é de suma importância. O retorno leva Battleship e posteriormente a menina a um outro universo, o posterior ao ritual de passagem que será o banho. A partir desse instante de descoberta (a primeira teria sido a descoberta do café), há uma guinada na narrativa, portanto. Alice necessita correr atrás do Coelho e descobre um mundo novo, surpreendente. Poderíamos pensar numa pequena “queda”, pois Battleship descobre algo aí, um dedo a apontar numa nova direção: é por ali. Nesse momento, ele não tem apenas a consciência da possibilidade, ele tem a coragem de empreender a *viagem*, de acordo com o sentido se encontra nos textos sobre mitos e religião.

### 3.2 O Mal que estava ali

As cidades de Le Corbusier são fantásticas. Seus planos diretores para São Paulo, Montevideu, Paris, todos, são visão de um futuro que ainda não se consolidou. A única cidade projetada por ele, levada a cabo, mas sem a grandiosidade de arranha-céus e sem a maravilha dos grandes vãos, pilotis e avenidas – para carros – é Chandigarh, na Índia. Mais que Gropius ou qualquer outro arquiteto do século XX, Le Corbusier foi e continua sendo marca de modernidade, um ícone dela, seu melhor representante, e muitas vezes uma espécie de *condutor*. Em filmes atuais, em cartazes, em ficções, encontramos o discurso de Le Corbusier, quer como mostra do como pode ser um mundo mapeado pelas forças extremas da direita, por governos totalitários, que igualariam as pessoas e tirariam do homem justamente o que uma convenção nomeia humano, quer como representação dos discursos da esquerda, que igualariam todos os homens, os quais morariam e viveriam próximos uns dos outros, próximos dos locais de trabalho, próximos a parques e ao lazer, mundo que, por convenção, seria considerado máquina. São duas faces de uma mesma fantasia, extremamente presente nas grandes cidades, em discursos variados, no próprio modo de pensar a sociedade moderna. Nos textos de Mário, muitas vezes sua descrição das cidades grandes lembra um croqui de Le Corbusier, uma fantasia do mundo moderno, todo máquina, ou todo asfalto ou todo *arranha-céus*, no dizer de Mário. (O prédio mais alto do Brasil é o edifício do antigo Banespa, bastante simplório para os padrões americanos e asiáticos, por exemplo, de “arranha-céu”.) Na narrativa *Balança*, *Trombeta* e *Battleship*, mesmo que São Paulo tivesse muito de Londres, o prédio mais alto de Londres na década de 1920 era a torre do parlamento, também tímida em relação às previsões de Le Corbusier e dos futuristas. Mas, supondo que São Paulo tivesse muito de Londres e que fosse uma cidade “moderna” na famosa acepção ou não de modernidade de Walter Benjamin, era uma cidade pequena<sup>46</sup>. De qualquer forma, Battleship deixa para trás a cidade para encontrar “ruelas sem calçamento que rodeavam o Prado” e “bosquetes esparsos de arvoretas plebéias, a faixa branca de uma rodovia bem tratada” e, *voilà*, a “jungla selvagem”.

A visão do mundo não europeu pobre, perigoso, com florestas vastas e impenetráveis, permeia muitos discursos do homem europeu e talvez não fosse possível encontrar um ponto de partida que fundasse esse discurso. A primeira peça de seda chegou a Roma por volta do ano 100 a. C. e durante séculos a Europa importou do *resto do mundo* animais, alimentos, preciosidades, escravos, etc. Juntamente com uma visão sobre a luxúria do Oriente, por exemplo, está a visão de um mundo violento, exótico, estranho, selvagemmente belo. Talvez o estudo mais complexo sobre o tema esteja na obra de Edward Said<sup>47</sup> e não é caso de comentá-lo aqui, porém há muitos textos atuais que discutem a visão do europeu também sobre, particularmente, as Américas<sup>48</sup>, sob um prisma similar ao de Said: uma invenção da Europa. Também não é caso de discutir o contexto que permitiu a construção desses discursos, mas não custa trazer à memória

<sup>45</sup> É muito interessante pensar nesse encontro entre dois mundos, pois não é um discurso novo. O discurso da oposição entre Europa e Mundo Novo é antigo, forte e ainda presente.

<sup>46</sup> Sobre esta questão vale a leitura de TOLEDO, Benedito Lima de. São Paulo: três cidades em um século. São Paulo: Cosac & Naify: Duas cidades, 2004. O autor comenta sobre o quanto a São Paulo dos anos 20 alterou-se devido ao dinheiro do café. Na mesma década, vale lembrar também, houve muitos discursos sobre a grandiosidade de São Paulo em comparação à do Rio de Janeiro. João do Rio apontava São Paulo como um exemplo para o Brasil.

<sup>47</sup> SAID, Edward. *Orientalismo – O Oriente como invenção do ocidente*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>48</sup> Sem fazer um levantamento exaustivo dessa problemática, citamos pelo menos três obras interessantes sobre a questão: GAMBINI, Roberto. *Indian Mirror – The making of the Brazilian soul*. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000. COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. *Rugendas e o Brasil*. São Paulo: Capivara, 2002. LAGO, Pedro Corrêa do. *Iconografia Brasileira – Coleção Itaú*. São Paulo: Fundação Itaú: Contra-capa, 2001. BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. (Org.) *O Brasil dos viajantes*. 3. ed. São Paulo: Objetiva: Metalivros, 2000.

que o Brasil, desde o período do *achamento*, foi fonte de inúmeras visões sobre suas fantásticas matas. A floresta em São Paulo – não tão absurda assim se pensarmos na Floresta da Tijuca, no Rio de Janeiro, que é a maior área de floresta do mundo no meio de uma cidade, ou se pensarmos em Curitiba, por exemplo, que tem trechos de matas intocadas em vários pontos da cidade – chega a ser ironia fina no texto de Mário. Seria uma lembrança da Amazônia de suas fontes para *Macunaíma*, um lugar mítico, onde o maravilhoso, o fantástico ou o mitológico é possível? Seria um afastamento ao contrário do que ocorre na Bíblia, pois a punição é o afastamento do Éden – e de Deus – e não o banimento para uma floresta? Seria a oposição, constante na Literatura Brasileira, entre cidade e campo? Ou seria somente a constatação histórica de que não há lugar para *homelesses*<sup>49</sup> no Centro? Tudo isso ao mesmo tempo? Mas fato é que Battleship neste momento da narrativa se encontra numa floresta, de onde vê campo e um “burro pastando”. Esta passagem – a correria atrás da menina – que faz com que o rapaz sofra um “sentimento de perda que doe muito”, pois Battleship era “desacostumado de sofrer” (ou seja, afastado do mundo real das paixões, ele não pode sofrer, pois não conhece o gosto do sofrimento), remete-nos a outras correrias de cunho semelhante, como as mitológicas gregas, que ora acabam em desgraça, ora em conquista. A corrida é um tipo de luta erótica e por vezes sem vencedor. Já a imagem da velha “amulatada” nos remete a uma imagem cristã – embora apócrifa –, a de Ana a ensinar Maria. Porém a senhora pouco tem de professora, sendo a exceção o fato de ter mostrado às meninas um pouco das artes da mendicância, que é mais uma das ironias do processo do psicopompo, do professor, de Hermes, de Prometeu.

Então, Battleship estende os doces como se estende comida a um cão abandonado ou como se estende um adereço brilhante para um nativo da terra recém descoberta. O que a língua separa pode ser unido por outros sentimentos, incluindo o de profunda gratidão.

Se o nome das meninas representa algo na narrativa, afora um jogo meramente fonético, inusitado ou incoerente, Trombeta, nesse momento, pode bem ser aquela que anuncia a chegada do moço, anjo ou demônio. A questão de Battleship ser o anjo já foi aventada, mas ainda não a possibilidade de ser o demônio de tantas histórias populares – comuns em várias sociedades –, do diabo que chega como um estrangeiro ou viajante que muda a vida das pessoas, muitas vezes seduzindo uma mulher ou a levando embora. Há nesse momento da narrativa um adendo que explica a presença das três mulheres no lugar e também seus nomes estranhos. Os nomes não são pouco peculiares apenas para Battleship: são apelidos incomuns no Brasil, o que reforça a idéia de que há realmente um peso mais que semântico neles, um apelo de um discurso de peso que os atravessa, justamente o que é discutido ao longo deste texto.

Battleship encontra uma família, bem diferente da sagrada família da iconografia cristã, com pai, mãe e filho. Pela primeira vez pensa em dinheiro como uma “precisão constante e não apenas como precaução imediata”. Compra presentes, leva-os e os deposita como fosse um rei mago aos pés de Trombeta, a chorar de emoção, mas diferentemente dos reis magos, Battleship se vê; então, não reconhece o sagrado na menina, o que leva a crer que se presenteia a si mesmo. Então Trombeta sente “pela primeira vez o sentido da gratidão”, vivendo, como o rapaz, muitos sentimentos pela primeira vez. Nesse momento, ela também é despertada de um torpor, de um ser “pior que irracional”. Eva vê-se que está nua e precisa improvisar roupas de folhas ou peles. Nesse momento, os dois notam “que nunca tinham sido felizes”: eles descobrem o prazer da “dádiva”, como um “sol macio”. Este trecho antevê a outra descoberta, a do desejo sexual, mas ela também faz parte de uma corrente de descobertas pessoais. Em outras esferas, os textos de Mário (até mesmo os pessoais) descrevem descobertas e deslumbramentos: ora Macunaíma descobre um mundo (à Corbusier) de máquinas, ora Elza descobre um universo estranho, de afeição e de desejo genuíno pelo que desprezara. Da mesma forma, Nísia<sup>50</sup> descobre, na dor, na solidão, numa espécie de banimento, a solução – infeliz – para suas dores. Um discurso muito forte de banimento, aliás, percorre todas essas narrativas:

. Nísia é como que banida de sua terra natal e vai para o centro do mundo, mas lá deveria viver melhor. O território de São Paulo, de Nísia, é deveras semelhante ao território de Trombeta.

. Trombeta e Balança vivem um banimento em vida, morando numa floresta.

. Macunaíma precisa ir à cidade tentar recuperar a Muiraquitã, mas retorna infeliz e, como Hércules, traído, morre após tantos trabalhos.

. Battleship também é uma espécie de banido, em vários sentidos – e o que vê refletido nos olhos da menina é isso.

49 Preferiu-se o plural para a palavra, a despeito de alguns gramáticos não a aceitarem, no mesmo espírito da produção de Mário.  
50 Do conto Nísia Figueira, sua criada. In: Andrade, Mário. Contos de Belazarte. 8 ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1992.

O banimento é a distância, triste e solitária. Talvez o melhor exemplo dessa tristeza na literatura erudita seja ainda Ovídio, mas também no mito a distância é triste, pois é a marca do afastamento, tanto de Deus quanto da terra natal.<sup>51</sup> Então, Trombeta e Battleship unem-se, sem saber, com o mesmo sentimento de pobreza, de infelicidade, de afastamento, de solidão.

É possível crer numa segunda guinada do texto, a partir desse momento. Acabado esse rito de passagem, tem-se início outro, mais complexo, que envolve mais uma personagem, Balança. Enquanto Battleship lava Trombeta, existe camaradagem, amizade, a conjugação possível após as descobertas em reflexo mútuo. Mas os olhos de Balança veem algo mais, pois a nudez não pode existir sozinha, pois é a marca do pecado. Há uma nova perseguição, mais erótica porque *mais* nua, mais erótica porque mais “hirsuta” do dizer do narrador para o tipo de cólera sentida por Balança, uma cólera que é também dúvida. É sua vez de viver a dúvida e de viver a descoberta. Não nos esqueçamos de que sua amizade com Trombeta iniciara-se igualmente após dois confrontos, após uma batalha sem vencedores, o que também tem algo de mítico. A disputa de Gilgamesh com seu inimigo, no épico sumério, acaba em amizade que só a morte separará. E nesse momento, dessa luta, há o “deslumbramento”, um jogo íntimo de um mundo “longe”.

É formado o triângulo amoroso. É um triângulo escaleno, por mais semelhantes que possam ser seus componentes, entretanto é um triângulo clássico: três vértices, três interesses distintos, complexos, ambivalentes, cingidos. Balança e Trombeta são meio irmãs, meio amigas – e a amizade de mulheres como elas (e como a de Nísia com sua ex-escrava) dariam, por si só, um texto à parte. Paralelamente, Trombeta é a encontrada por Battleship e é aquela que recebe suas dádivas e é ainda aquela em que ele se vê (e ela nele), mas é com Balança que Battleship fica em “aguda indiscrição”. Temos uma segunda situação, tão delicada quanto a primeira: aqui há também um encontro, mas diferente do encontro com Trombeta. Aqui, o vestido azul “disfarça a virgindade que eles tinham perdido na água”. Surge um pequeno porém inquietante indício de desejo proibido, pois Battleship tivera em princípio “o desejo de prestígio e de apadrinhar, isso apenas”.<sup>52</sup> Ocorre que, assim como há “homens e mulheres neste mundo”, há homens e mulheres nesse mundo que nos são interditados.

Numa primeira leitura, pode ficar a insinuação não muito agradável de pedofilia e talvez a sucessão de palavras “menina”, “meninas” transmita esse sentimento. Battleship já era um jovem cavalheiro e as meninas, embora jovens para os conceitos atuais, estavam em idade núbil. E veio o turbilhão. Em termos freudianos, a rejeição, o luto, a dor.

#### 4. Freud e a Máquina

O interesse pela obra de Freud não foi infenso aos interesses estéticos de Mário de Andrade. Não foi o único, pois a nova ciência inseriu-se violentamente na sociedade, tendo muito mais sucesso que outras, como a própria Linguística. Como observou Bakhtin, em obra publicada em 1927, com a assinatura de Voloshínov:

O sucesso da Psicanálise nos amplos círculos da intelectualidade europeia começou ainda antes da guerra,<sup>53</sup> mas no pós-guerra, sobretudo em países da Europa e nos Estados Unidos. Pela amplitude dessa influência nos círculos burgueses e intelectuais, a psicanálise há muito superou grandemente todas as correntes ideológicas de sua atualidade (...)<sup>54</sup>

Completando que talvez seja a “expressão mais nítida e ousada” das “aspirações ideológicas da filosofia burguesa”.<sup>55</sup>

É interessante cotejar essa observação de Bakhtin (ou de seu círculo) com outra, dessa vez de Mário de Andrade, em carta aberta<sup>56</sup> ao editor do Diário Nacional, datada de 1927, sobre as críticas feitas a *Amar, verbo intransitivo*:

O livro está gordo de freudismo, não tem dúvida. E é uma lástima os críticos terem acentuado isso, quando

51 Sobre a questão do banimento e da distância, ver: QUEIROZ, Maria José de. Os males da ausência ou A literatura do exílio. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. CAMPBELL, Joseph. O poder do mito – entrevistas com Jonh Meyers. São Paulo: Palas Athena, 1993.

52 O que retoma a questão: é uma ironia a Jean Valjean?

53 Pela data da publicação, fica claríssimo tratar-se da Primeira Grande Guerra Mundial. A nota vale pelo contexto em que foram escritos Macunaíma, Amar, verbo intransitivo e os primeiros esboços de BTB, assim como a primeira grande viagem de Mário de Andrade.

54 BAKHTIN, Mikhail. O Freudismo – um esboço crítico. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001. P. 4.

55 P. 5, op. Cit.

56 Publicada em ANDRADE, Mário. Amar, verbo intransitivo – idílio. 17 edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

uma cousa já estigmatizada por mim dentro do próprio livro. Agora o interessante seria estudar a maneira com que transformei o lirismo dramático a máquina fria de um racionalismo científico. Esse jogo estético assume então particular importância na página em que “inventei” o crescimento de Carlos, seguindo passo a passo a doutrina freudiana.<sup>57</sup>

Há nesse discurso de Mário não o que poderia parecer irreverência, mas um novo riso. Atravessando sua tentativa de desvendar um país, vemos o descrédito, pois afinal que seriam, mesmo, consciente, inconsciente, subconsciente numa realidade tão vasta como a de cultura? Porém, Freud faria parte dos discursos, para neófitos ou não em relação aos estudos freudianos, exatamente como ocorre hoje quando vulgarmente se diz que as pessoas foram “rejeitadas”, que têm “traumas”, que são “neuróticas”, etc. Essas preocupações parecem ter seguido os passos do Autor, em sua procura por uma estética pessoal, brasileira ou não, tanto que nos contos de *Primeiros contos*, as considerações freudianas estão lá, para mais ou para menos, mais ou menos claras (compare-se a obviedade da descoberta do pênis em *Tempos de camisolinha*, a concepção muito semelhante à freudiana para a identificação em *Frederico Paciência*, as questões sobre Complexo de Édipo em *Peru de Natal* e outras menos claras nos demais contos, como *O Poço*, em que as preocupações sobre culpa e medo foram expurgadas na última escrita).

Há duas possibilidades de se fazer leituras freudianas em BTB: a) imaginar que os discursos freudianos percorrem o texto intencionalmente, ou seja, que as leituras de Mário tiveram intenção aberta no texto. Tal caminho não pode perder de vista o fato de que o texto tem rascunho da década de 1920 e que os discursos sobre psicanálise há muito já ultrapassaram os limites dos discursos primitivos de Freud. Se Freud, como deseja Foucault, é transdiscursivo, ou seja, se a partir dele, outros discursos se constroem, isso não pode passar despercebido ao analista de Mário; b) imaginar que os discursos da psicanálise, principalmente os freudianos, atravessam o texto de Mário, assim como os discursos marxistas e os kantianos, ou seja, como quaisquer outros, visto que Mário é um Autor que produziu principalmente entre as décadas de 1920 e 1940.

Num triângulo amoroso, seria interessante discutir a rejeição e a projeção, para quem desejasse seguir o caminho “a”. Não é pretensão deste trabalho.

## 5. Uma Narrativa Metafórica ?

Antes de se iniciar a discussão, cabe um pergunta que pode parecer absurda: BTB é uma narrativa “propriamente dita” ou é “metafórica em absoluto” tal qual narrativas como *História do Olho*, de Bataille, dita nonsense ou surreal, como pede a crítica? É como *Da cabeça aos pés*, de Joe Orton, absolutamente política na melhor tradição de Swift? Ou ainda é antevisão das narrativas da vanguarda francesa típicas dos anos 1950 em diante, com total desconstrução da noção de tempo e de espaço? Há uma história propriamente dita ou, como nos ensinou a teoria literária que se fragmentou em milhões de listas taxonômicas, um enredo? E não interessa discutir aqui se a narrativa é uma pequena novela, um trecho de um romance inacabado ou um conto, justamente porque, hoje, é irrelevante tentar algo nesse sentido. Caberia aqui um comentário de Barthes sobre a ficção: “Chegamos a um ponto da modernidade em que é muito difícil aceitar inocentemente a idéia de uma ‘obra de ficção’ ; nossas obras são doravante obras de linguagem; a ficção pode passar por elas, de viés, presente indiretamente.”<sup>58</sup> Tal comentário não se encaixa como uma luva para Mário porque ele se apropriava abertamente de situações da vida real para construir seus discursos narrativos – ou críticos – e sim cabe porque vivemos um momento de discussão acadêmica pós Barthes, pós Foucault, pós Derrida, etc.

De qualquer forma, até quando repete situações já discutidas em outros textos ou quando deixa claro em demasia as fontes de suas inspirações (o que para nós não interessa nesse ponto da análise, mas talvez interesse para quem faz crítica genética, e ainda para biógrafos, historiadores, etc.), é um dos textos mais complexos no vasto projeto discursivo de Mário de Andrade: suas camadas nem sempre são perceptíveis e somente após verificação do intrincado

<sup>57</sup> Evidentemente, Mário refere-se à noção de catarse proposta por Freud, empréstimo aristotélico. A descoberta – pela dor – teria possibilitado um crescimento em Carlos, o que, na narrativa, é algo rápido em demasia para ser verossímil, afora o fato de que pode ser contestado por um leitor mais atento porque o crescimento de Carlos se dá em ações cotidianas, vagas, imprecisas, de um crescimento que, na concepção freudiana, deveria ser absorvido pelo inconsciente. Na narrativa de Mário, o próprio narrador ri dos termos “subconsciente, inconsciente e consciência”, perguntando-se justamente pelo quê seria este último. Também coloca em xeque as teorias freudianas, fazendo um curioso e extenso levantamento do pensamento antigo, justamente usando uma ferramenta que Freud terá usado em textos sobre o Complexo de Édipo. Tal riso crítico de Mário, ou melhor, tal discurso, pode ser comparado ao de Bakhtin, que se interroga pelas questões sociais na filosofia psicanalítica (de Freud).

<sup>58</sup> BARTHES, Roland. *O adjetivo é o “dizer” do desejo*. In: \_\_\_\_\_. *O grão da voz: entrevistas*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

jogo de discursos é que se pode perceber a transparência de uma sobre outra como se o Autor houvesse dispostos inúmeros tecidos leves um sobre o outro, sendo que se é permitido notar a existência de todos e ao mesmo tempo de um só. Também discutir inacabamentos não interessa. A única impossibilidade para uma discussão séria poderia ser justamente a edição crítica, que permite que o estudioso vá para lá e para cá, ora tomando a narrativa “final”, ora tomando os primeiros rascunhos como base de discussão. Mas o texto tem forma – tanto que possibilitou uma edição que permitisse ser tomado como “conto” – e é a partir dele que se construiu este texto. Então, a pergunta (semelhante a uma provocação) que se faz é a seguinte: se BTB é um texto metafórico, é uma metáfora para o quê? É um texto “de formação”, como se diz de *Macunaíma* ou seria um texto sobre o amor?

Primeiramente, vale fazer uma pequena e quase involuntária análise do que se diz sobre *Macunaíma*. É sabido por todos que o livro de Mário foi dedicado a Paulo Prado, amigo íntimo do escritor e principal incentivador da Semana de Arte Moderna. Oswald de Andrade disse que *Retrato do Brasil* é o glossário de *Macunaíma*<sup>59</sup>. É sabido que *Macunaíma* foi publicado um pouco antes de *Retrato do Brasil* e também que Paulo Prado ainda não publicara seu ensaio por pudor ou receio. O texto de Paulo Prado é de 1926; a publicação ocorreu alguns meses após o lançamento de *Macunaíma*, que ocorreu um julho, mais precisamente. O prefácio de Mário, referindo-se ao que viria a ser o texto de Paulo Prado é datado “1926”. Não se pode precisar até que ponto, realmente, a obra de um tenha influenciado a do outro assim como não se pode precisar até que ponto um acreditava nos discursos do outro. De qualquer forma, façamos um brevíssimo resumo da obra mais conhecida de Paulo Prado: tirando-se as descrições sobre as belezas brasileiras e as referências eruditas sobre viajantes, personalidades, números, temos que o Brasil – e por extensão o brasileiro – seria uma fusão da luxúria com a cobiça. O português, melancólico, teria vindo ao Brasil e se deixado levar pela fome das riquezas. Influenciado por um poder “natural”, teria se envolvido com índias e com negras, o que explicaria a formação racial do país, enfraquecida por tantas misturas. Já os Estados Unidos seriam fruto de um inglês voluntarioso que, com trabalho e fé, ajudou a formar o país.<sup>60</sup> Não discutimos *Macunaíma* e sim BTB, mas como mencionado, BTB teve sua gênese à época da publicação de *Macunaíma*. O que teria mudado da gênese para sua forma “definitiva”? Não podemos precisar, mas o conjunto de discursos sobre o Brasil (comum em Paulo Prado e em tantos outros intelectuais<sup>61</sup>) parece atravessar também BTB.

Se tentarmos procurar apenas uma resposta para o texto de Mário, possivelmente não a encontraremos. Nenhuma corrente atual de crítica sequer cogita tal hipótese. Porém, podemos investigar o texto de Mário (lembrando que aqui “texto” é quase sinônimo para “discurso”). Evidentemente, pode saltar aos olhos em BTB a preocupação com a relação amorosa, assim como pode saltar aos olhos a preocupação com o encontro com o outro, uma questão, portanto, de alteridade, e assim por diante. Se formos nos basear pelas intuições de Telê Porto Ancona Lopez, veremos que a preocupação de Mário era transformar em literatura um encontro da vida real. Ora, em Mário isso é um problema realmente sério, por vários motivos: a) nenhuma disciplina conseguiu definir exatamente a diferença entre o real e o não real; b) nenhuma corrente conseguiu definir o que era literário e não literário; c) as discussões sobre o histórico e o não histórico costumam ser improfícuas; d) as questões textuais, em qualquer nível de “texto” são díspares o bastante para não nos indicar saídas simplistas. De qualquer forma, temos um texto, temos um Autor e temos documentos históricos sobre uma viagem, sobre um encontro e sobre uma produção literária (sem questionarmos qual seria a “real” intenção desse Autor). Se BTB é o tornar literário um encontro, numa viagem qualquer, isso esgota nossa análise e nada precisa ser discutido.

Num outro nível, como abordado nas duas primeiras partes deste texto, se BTB é a intertextualidade com a Bíblia e com Vieira, isso também esgota nossa discussão.

Em outra esfera, a discursiva, parece haver interdiscurso do texto de Mário com outros discursos, e parece residir aqui nossa dúvida: com quais e por quê? Como vimos acima, o discurso de Paulo Prado disse o que disse e parece ter provocado em Mário interesse, o que pode ser avaliado em cartas de Mário a Paulo Prado, em outras cartas de Mário, em textos críticos, em textos sobre Mário e ainda em outros textos da mesma época. Pensar o Brasil em suas origens, pensar numa formação para o Brasil, pensar o Brasil com raízes, tentar desvendar o Brasil. Tal discurso não é novo. Percorre séculos, mas a vontade da verdade (numa acepção foucaultiana) do século XIX para o XX tentou taxonomias novas para a História e também para as estruturas orais. Ainda hoje, a vontade de se descobrir a “verdadeira identidade do Brasil” é muito forte. Vejamos um trecho recente sobre a questão:

<sup>59</sup> In: *Retoques ao Retrato do Brasil, crítica publicada originariamente em 1929 em O Jornal, no Rio de Janeiro*. Cf. PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*. 9. ed. Organização de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P. 229.

<sup>60</sup> Cf. edição citada.

<sup>61</sup> Para citarmos apenas dois casos, lembremo-nos das representações “brasileiras” de Almeida Júnior, muito anteriores a PP, e das representações do “brasileiro” por Monteiro Lobato, coetâneas a PP.

Em vez de analisar o Brasil a partir de seus antagonismos econômico-sociais, o autor de *Os Sertões*, na tentativa de entender a falta de “tradições nacionais uniformes” (OS:14) empolgou-se com um esquema explicativo baseado numa teoria geral da civilização, de cunho étnico ou “racial”. Euclides testemunhou, como resume Gilberto Freyre, “um choque violento de culturas: a do litoral modernizado, urbanizado, europeizado, com a arcaica, pastoril e parada dos sertões”. Esse choque se enquadrava em uma visão da história, em que Euclides, como contemporâneo do Imperialismo por volta de 1900, compartilhava da convicção social-darwinista de que o avanço da civilização resultaria no “esmagamento inevitável das raças fracas pelas mais fortes”.<sup>62</sup>

Willi Bolle percebe incoerências – aos olhos de hoje – no pensamento do autor de *Os sertões*. Ele lembra que os românticos haviam tentado a construção de um passado para o Brasil e que Euclides tentou a construção de um brasileiro “verdadeiro”, o homem do sertão. O pensamento de Bolle não admite a tentativa de encontrar um mito formador, não permite a visão de uma nação pela perspectiva de “antagonismos” ou de “forças antagonicas”, e não permitiria, ainda, a discussão da construção do Brasil como uma nação de três raças. De fato, os discursos atuais não permitem nada disso. Hoje, pensa-se que todas essas questões se atravessam entre si, deixando de lado a possibilidade de uma visão monológica da história, da antropologia, da sociologia, etc. Entretanto, o mesmo discurso que refuta todas essas idéias admite a hipótese de haver um romance “de formação” para o Brasil, *Grande sertão: veredas*.

Os textos de Mário tentam uma construção do Brasil, ora pela língua, ora pela história tradicional, ora pela oral. Há, por vezes, intuições maravilhosas que se aproximam do pensamento atual, de diferenças impossíveis de serem descritas ou taxonomizadas. Prova disso é quando mescla vocabulários de várias partes do país e quando tenta um giro alucinógeno pelos mais distantes rincões do Brasil para mostrar o quanto o país é grande, vasto, distinto e múltiplo. O reverso dessa moeda é justamente o lugar-comum que traz junto. José de Alencar também tentara processo semelhante, sem ter conhecido a Amazônia, por exemplo. Mas não podemos exigir de Mário um posicionamento da crítica atual: as ideias de diversidade, dissolução da oposição entre arte eudita e popular, o multiculturalismo, etc., são recentes.

Diante desse quadro não tão simples, é possível pensar BTB como mais um texto de formação, uma tentativa de encontrar ecos primitivos que explicariam a formação do Brasil ou, ao menos, de São Paulo. Num dos “tecidos transparentes” que formam a narrativa, temos que Battleship é justamente um estrangeiro – e não um estrangeiro qualquer, pois é inglês, representante do povo que formou em parte a grande nação americana. No Brasil, encontra negras. Por mais bem intencionado que esteja, ele encontra negras, ingênuas como as índias dos primeiros colonizadores (repare-se na diferença: para os americanos, os textos indicam outro vocábulo – *pilgrim* ou *pioneer*). Ao travar contato com elas, desejando ser uma espécie de padrinho, acaba por se apaixonar ou por descobrir a sensualidade. Nesse estranho Éden – algo do imaginário do século XIV – , ficam claras outras vontades, outros desejos.

Paralelamente, temos não apenas uma alegoria da formação do Brasil como também outra particular, a da formação de São Paulo, cidade e estado. Sabemos todos que as maiores fazendas de café estiveram na região hoje denominada Sudeste, mas que o dinheiro dessa riqueza centralizou-se em São Paulo. Ao mesmo tempo, diz-se que São Paulo, principalmente a cidade, deve muito ao imigrante, de várias partes do mundo. E o que temos em BTB? Outra alegoria sobre o início das coisas: imigrante + cidadão “autóctone”. Porém, muito para além do discurso de Paulo Prado, hoje absolutamente discutível, o de Mário vai bem mais fundo: sua alegoria é ao mesmo tempo Gênesis e Apocalipse, alegria e tristeza, felicidade e melancolia, rito de passagem, epifania e ainda uma descoberta (freudiana?) de que não se deve prender ao passado.

Aqui entra – deveríamos dizer “finalmente” – o que ficou fora do texto: a preocupação com o subtítulo, *o descobrimento da alma*. Primeiramente caberia a indagação: por que o uso de “descobrimento” e não o uso de “descoberta”? São palavras que poderíamos dizer sinônimas, de qualquer forma, significando “tirar o véu”, “trazer à luz”, “encontrar”. Mas Mário parece preferir a mais corrente. Já verificamos que tanto Battleship quanto as meninas são descritas como aqueles que descobrem coisas. A ênfase é dada para o rapaz, mas as moças também passam por um extenso território de encontros e descobertas, físicas e psíquicas. Paralelamente, talvez haja um jogo semântico entre “descobrir”, sinônimo para “encontrar” (de supetão ou não) e “desnudar-se”, o que ocorre com os três. Em outros níveis, temos a evocação a outra descoberta, a do Brasil, já aludida acima. Porém, o vocábulo é acompanhado por uma expressão, “da alma”. Separando-se a locução e preocupando-nos somente com o substantivo, temos que o vocábulo é utilizado em muitos sentidos: religiosos, coloquiais, psicanalíticos, etc. Para não fazermos um levantamento exaustivo da questão, finalizamos com uma pergunta: que alma, mesmo, é que se encontra, a de Battleship, a das meninas, a do país, a da cidade, a da cultura?

62 BOLLE, Willi. *grandesertão.br* – o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2004.

## 6 Ave, Palavra!

A Linguística pós Sausurre nos alertou sobre as diferenças entre o texto escrito e o oral. Centenas de milhares de trabalhos terão sido escritos no decorrer do século XX e seria, hoje, absurdo fechar os olhos para a grande rede de discurso que se formou no interior da disciplina a que chamamos, justamente, Linguística. Embora os discursos sobre estas diferenças não estejam consolidados, o professor de literatura e de língua conhece-os bem. Devido a esta realidade – vasta o bastante para não caber aqui – estudos sobre vocabulário tem caído em desuso, exceto os levantamentos vocabulares dentro de áreas específicas da Linguística e exceto “dicionários” sobre a obra de autores como Guimarães Rosa.

Hoje, parece anacrônico tratar do vocabulário, mesmo na poesia, uma vez que os textos poéticos ganharam uma liberdade tal que fez grande parte do próprio público leitor – e do mercado de publicações ? – preferir narrativas. No caso de Mário de Andrade, porém, ainda parece relevante tratar do vocabulário de seus textos, dada a força discursiva de suas escolhas, em vários níveis. Em seu projeto artístico, o Autor não descuidava de amarrar o texto em diferentes etapas e em diferentes patamares, incluindo a escolha vocabular. Em BTB, em particular, a escolha vocabular não vibra apenas sobre si mesma – ela é uma liga com outros questionamentos literários, artísticos, culturais, muito para além do texto. Tomadas isoladamente, podem parecer pequenos gracejos linguísticos, mas é forçoso reconhecer – e forçoso porque nem sempre o gracejo é do gosto comum do leitor, sem desejarmos nenhuma análise psicológica ou da recepção desse mesmo leitor – que o efeito é grande, válido e artisticamente pensado.

A questão vocabular não é nova em Mário tampouco nos textos exegéticos sobre o Autor. Somente suas poesias dariam vários trabalhos de crítica, mas aqui nos debruçamos sobre BTB. Sabemos que o homem Mário era interessado por línguas, em diferentes sentidos: primeiramente, era um homem culto, que dominava vários idiomas; depois era um interessado pelos aspectos que hoje chamamos variacionais da língua; que seu interesse fazia-o recolher exemplos das viagens (listas de seu acervo de textos manuscritos mostram isso); que parte do projeto dos modernos era encontrar o rosto “verdadeiro” também de uma identidade linguística para o Brasil; que Mário, reconhecendo as diferenças entre dois continentes, soube ele mesmo fazer as alterações para tornar mais “palatável” seu texto ao leitor português; entre outras. Talvez essa força “discursiva” vocabular seja um dos maiores fascínios do texto de Mário de Andrade (mesmo quando ingênua) unificadora de seu discurso geral: uma palavra (“gauderamente”, palavra *sulista*) existe quase que por oposição a outra (“uiara”, palavra *nortista*), mas todas guardam um quê de similaridade<sup>63</sup>, pois compõem o vasto quadro do que seria o Brasil ou a brasilidade. Em outro plano da narração, algo se aproxima a esta existência pacífica de vocábulos: o encontro de diferentes sujeitos, o europeu e o brasileiro, num mesmo território, algo já mostrado.

O próprio título da narrativa, pomposo o bastante para causar estranheza se colocado par a par com outros títulos de Mário, mescla diferentes discursos. Os vocábulos, arrancados a um discurso de Vieira ou emprestados à Bíblia, são incomuns, em sua acepção religiosa. Há pelos menos duas tensões criadas entre os vocábulos “trombeta” e “balança”, de um lado, e “Battleship”, do outro. Temos dois vocábulos eruditos e um popular e temos dois vocábulos em português e um em inglês. A princípio, a natureza dessas tensões pode parecer simples, mas a estrutura do conto ilumina tal tensão, relevando alguns segredos interessantes. Como mostrado na crítica genética de Telê Porto Ancona Lopes, os nomes das meninas aludem a uma brincadeira da primeira grande viagem de Mário de Andrade (1927), o que pode ser encontrado em *O Turista Aprendiz*. Os nomes teriam vindo, exatamente, de uma brincadeira que teria se principiado quando do encontro de um menino chamado Josafá. Não podemos precisar o quanto foi alterado nos projetos de Mário dessa tensão, desse peso, desse interesse. Porém, sabemos que mais de uma década separa o projeto inicial do texto retrabalhado nos anos 1940 e publicado nos anos 1990. De qualquer forma, temos, primeiramente, a consolidação de uma preocupação não apenas moderna mas típica da produção intelectual de Mário de Andrade: a procura de uma identidade brasileira que se oporia, por extensão, a uma identidade estrangeira e principalmente europeia. Não obstante as pesquisas modernas serem tributárias das europeias, houve, sim, entre os modernos a procura por saídas “brasileiras” e investigações acerca do “brasileiro”. Mário foi um apaixonado por questões de cunho nacional e suas vastas pesquisas sobre música, dança, expressões populares (as vocabulares), medicina popular, etc., são uma das provas de que ele terá sido um dos principais mentores do movimento moderno no Brasil. Opor nomes em português a um estrangeiro por si só indica uma preocupação com o olhar de fora. Curiosamente, o nome não é francês ou alemão e sim um nome inglês.<sup>64</sup> Como mencionado antes, o Brasil manteve até a década de 20 do século passado fortes ligações comerciais com a Inglaterra. Embora isso sequer seja mencionado em toda a narrativa, um personagem

63 Evidentemente, o sentido aqui não é o tomado por Foucault em *As palavras e as coisas*. Nesse texto, Foucault utiliza-se do termo para investigar a visão sobre língua do homem do século XVI.

64 Claro que Mário cuidava da grandeza não apenas na Inglaterra como dos EUA. Em *Elegia de Abril* (1940), Mário cita a grandeza de ambos os países. Porém, desde há muito o Brasil tinha interesses e comércio com os EUA. Desde o fim do século XVII o Brasil teve interesses no modo de vida dos americanos, enviando para lá emissários que descreveram o american way of live.

à margem dessa realidade, que apenas conhece o café por seu sabor forte e “melhor que o do uísque”, gera uma série de possibilidades de leitura sobre o “outro”. Talvez sem perceber, o Autor tenha criado um campo discursivo em que seja possível afirmar que há uma esquizofrênica paixão pelo estrangeiro, ora amado, ora repudiado. Battleship pode ser amado por ser terno, por carregar dentro de si um certo amor cristão (que seria semelhante ao das meninas, elas também fruto de uma sociedade cristã), mas também não é nenhum edificante modelo de ética.

A apropriação de coisas estrangeiras não é novidade em Mário e não se dá somente em relação a nomes próprios. No Rio de Janeiro, o marujo amigo de Battleship visita um “fratello”, com essa grafia com “l” duplo e não aportuguesado, muito embora a existência cotidiana de vocabulário em italiano fosse típica da cidade de São Paulo e tivesse frequentado o texto de um sem número de modernos, sendo o melhor representante dessa preocupação Juò Bananeri. Mas o narrador não nos indica a origem do marujo, que poderia ser italiano, numa embarcação inglesa, tendo como destino Buenos Aires. Nada haveria de estranho aí, nesse universo cosmopolita do mar. Por fim, o nome Battleship cai bem com a descrição física da personagem, também ele “grande”, fazendo ou não alusão à expansão do reino inglês, potência em cujas terras sempre haveria sol. Nas ímbrias dessa possibilidade de investigação da palavra em relação à personagem, temos o tipo de trabalho de Battleship, ser um *pickpocket*. Nome e designação quase se opõem<sup>65</sup>: uma representa a grandeza e outro uma deselegante decadência e pequenez. Se analisarmos o verbo “to pick”, encontraremos sentidos interessantes, dependendo do contexto: *picked a winner* seria escolher bem um vinho; *pick someone to pieces* seria algo como falar por trás; *pick from* ou *pick out of* seria algo como separar peça por peça usando os dedos e assim por diante. Mas não há nenhuma indicação desse cuidado em relação à escolha da “profissão” de Battleship nos textos trazidos à luz. Em *Macunaíma* – e não seria exagero lembrar que a gênese de ambos os textos são da mesma época – há exploração vocabular levada ao extremo: há não apenas as palavras emprestadas a línguas indígenas, o que salta mais aos olhos, como empréstimos de vocabulário (um tanto aportuguesado como permitia a infinita ironia do Autor) de línguas faladas por imigrantes que vieram ao Brasil. Da mesma forma, expressões brasilianíssimas são usadas o tempo todo, literalmente, ganhando forma e discurso novos<sup>66</sup>, como “engruvinhada”, vocábulo ainda utilizado no interior do Brasil.

Paralelamente, “trombeta” pode ser tomada em outras acepções, como a de “anunciação”. Da mesma forma, “balança”, o que equilibra, ou o que dá o peso correto, ou o que “julga”, na acepção bíblica.<sup>67</sup> Battleship, como já citado, é o mais poderoso dos navios de guerra. Embora a construção da personagem aponte para um rapaz sensível (malgrado sua vivência nas ruas), ele é inglês, representante de um país forte, a maior potência do mundo à época da escrita da narrativa. Algumas vezes, a intuição do Autor é fascinante: ele percebe que uma criatura pode não carregar as características a ela imputadas por sua origem, mas em outras ingenuamente descreve as personagens como fruto de seu meio, sem possibilidades de variação emocional que aquela ditada pelos manuais etnográficos ou pelos lugares-comuns ainda em voga, mesmo após o forte discurso da esquerda que tentou repudiar o que havia de discurso do século XIX sobre diferenças. Ao mesmo tempo que aponta para lugares-comuns sobre o brasileiro, constrói um presídio para as personagens. Seria uma zombaria com os autores que Mário tanto desprezava nos anos 1940?

A vizinhança de algumas palavras emprestadas do inglês recobre o texto como uma névoa. O rapaz teria servido como “stewart” num navio, como já mencionado, e encontra uma “jungla” fincada no meio de São Paulo. Lembremos que o rapaz se move com certa destreza pela “jungla”, como não poderia deixar de ser, pois “jungle” se opõe a “forest” como uma mata que pode facilitar a passagem humana. Os dicionários dão como exemplo as florestas da América do Sul, certamente porque os dicionários nem sempre vão de acordo com a natureza das coisas, e isso devia ser do conhecimento desse Autor absolutamente irônico. Há ainda perdas nessa névoa situações como “speackenglish” como forma verbal, “arranhacéu” como apropriação direta do inglês, mas com grafia diferente da que seria oficial, “music hall”, sem tradução, e outras situações semelhantes. Mas seria interessante lembrar como Mário não se utiliza de vocábulos estrangeiros sem interesse discursivo. Em *Amar, verbo intransitivo*, p. e., Mário descreve a rica mansão como tendo papel de parede de William Morris. Ele aponta para duas situações: a) somente uma família muito rica usaria um papel de um designer tão famoso; b) a família, porém, não usava um papel de parede de Christopher Dresser, muito vulgar para os padrões aristocráticos paulistas e tampouco um papel moderno, como haveria na casa de Warchavski. Nada, então, é de graça em Mário.

<sup>65</sup> Quando se fala em oposição, aqui, entendam-se forças discursivas que se chocam e que, por vezes, se atravessam.

<sup>66</sup> Na linha proposta por Michel Pêcheux, um discurso é a um só tempo o mesmo discurso e um novo. O autor propõe que o discurso (pensando na forma enunciativa dele) seja ao mesmo tempo “estrutura” e “acontecimento”, nas palavras do autor. V. PÊCHEUX, Michel. O discurso, estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2002. Em inglês, as palavras utilizadas pelo autor são “structure” e “event”.

<sup>67</sup> E de outras tradições místicas, como a egípcia, em que o morto é julgado em uma balança, sendo que sua alma não pode ser mais pesada que a de uma pluma.

Há as hipérboles eruditas dos superlativos (“virtuosíssima”) e a preferência pela forma popular (“magríssima” em vez de “macérrima”), ao lado de formas da oralidade (“milréis” como sinônimo de dinheiro e não uma quantia específica) e ainda formas cujo sufixo deixam dúvida quanto à origem (“sugidade” é popular ou erudito?), afora formas estranhas (“aquó”, neologismo da expressão latina a a *quo*, usada exclusivamente em contextos jurídicos, mas que quer dizer “em jejum”, mais ou menos dentro do contexto de BTB). Todas surgem dentro de um plano estilístico curioso e de interessante intuição: podemos não gostar do estrangeiro, mas aproveitamos de tudo um pouco. Guimarães Rosa mais tarde levaria semelhante discurso ao extremo das possibilidades de escrita.

Quanto à sintaxe, vejamos os exemplos que se seguem:

1. “depois de Mogi já não havia roça mais”
2. “carecia se descartar daquela sórdida”
3. “pra normalizar inda mais nos projetos anteriores”
4. “banzou muito desempregado”

Primeiramente, observam-se certas liberdades de pontuação, como falta de vírgulas em adjetivas ou excesso de conjunções “e”. Também há expressões adverbiais, por exemplo, que deveriam vir entre vírgulas, mas há apenas uma. Nos casos acima, verificamos algumas formas comuns da oralidade, a preocupação com o uso de variados metaplasmos para gerar certo ar ou gosto popular e a mescla com escolhas cultas. Há outros textos ou trechos de textos em que Mário tentou uma linguagem “popular”. São exemplos disso *Nísia Figueira, sua criada* e *Foi sonho*. Os resultados dessas procuras foram catastróficos ou, ao menos, ingênuos. As diferenças da oralidade para a escrita não estão nas variações de grafia e sim nas pausas, dúvidas, atos falhos, repetições, etc. só possíveis em situações verdadeiras de enunciação. De qualquer forma, foram tentativas literárias, deveríamos frisar, e o resultado em BTB parece muito bom. Há uma oscilação muito interessante e produtiva entre o popular e o erudito, o texto flui e, quando há quebra na cadência da leitura, ela está ligada a uma quebra no enredo. O texto é mais lento ou mais rápido dependendo do interesse do narrador em demonstrar medo, preocupação, etc. Numa carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, datada de 1927, Bandeira fala da leitura de [James] Joyce e do como se impressionara com o Dédalo (sic)<sup>68</sup>. Nessa mesma carta, ele comenta a leitura que fez de *Amar, verbo intransitivo*. Muito interessante perceber que havia entre os dois essa preocupação, a de trabalhar o nível vocabular do texto com a mesma intensidade de seu discurso.

### Conclusões: Mitos Sobrepostos

O colar é irregular, feito com águas marinhas de cores sutilmente variadas, de tamanhos variados. É um círculo com pingentes diferenciados, porém ligados por uma ideia, a de algo moderno. Não é decô, a despeito dos traços retos e simples, muito menos nouveau ou ainda futurista. Pode e não pode ser comparado com os traçados retos das obras de Corbusier e Gropius, pode e não pode ser comparado com a poesia de Blaise Cendrars ou Akhmátova, e por isso angústia. Foi pensado por uma italiana, no Brasil, que se deixou levar por um ideário – um discurso, como querem alguns, uma ideologia como já ordenou a moda – europeu de modernidade, mas com pedras brasileiras. Quem conhece esse colar de Lina Bo Bardi? O colar é uma mistura, enfim, só possível, todavia, por tudo que atravessa sua concepção ou sua vontade de existência. Ele é coetâneo de BTB.

...

A epifania é evidente para os três jovens “lavados pela água do córrego de chuva”. Há uma descoberta mais importante que o próprio sexo para os três. Há a descoberta da vergonha (como lemos nas traduções do Gênesis) e ainda a do ciúme, e talvez a do repúdio (Trombeta chora sua primeira lágrima feminina). O banho – e a limpeza – das meninas é um rito de passagem para uma vida adulta, mas que se entenda que essa vida não é a da descoberta da possibilidade da penetração e sim a da descoberta de algo mais profundo, em outro nível do sujeito, que não diz respeito *somente* à carne. Mas se o banho é um rito de passagem, então Battleship toma as vezes de psicopompo, de sacerdote, de mestre, de guia. Se Mário utilizou como recurso de produção de seu texto um diálogo com Vieira e com a Bíblia (o que parece irrefutável, embora não saibamos até que nível de interesse), Battleship nesse momento pode tomar a forma de um anjo do senhor, mas não do anjo que protege a passagem para o Éden (pois que estão *no* Éden) e sim do anjo que escolhe o joio do trigo no discurso de Vieira. Tal atitude professoral, em outro nível, também lembra a do próprio Autor, pelo pouco que sabemos desse Autor, já que o que sabemos dele são construções textuais, muitas vezes de sua própria lavra. A vontade do começo, o desejo de se encontrar a primeira voz, matriz de todas as outras é invenção do homem, muito

<sup>68</sup> Cf. Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira. Organização de Marcos Antônio de Moraes. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 2000.

anterior a Mário. Utilizar o Éden ou o Apocalipse para falar do começo não é novidade. De qualquer forma, a lógica “edênica”, ou seja, de um começo para as coisas, não faria sentido sozinha, pois não faria sentido exigir do texto de Mário a falta de distorção, comum em suas narrativas (comum no expressionismo, diga-se de passagem, e comum nos textos metafóricos). Como mencionado, há muito mais nas distorções de Mário. É um texto literário, afinal de contas, e não um “ensaio”, como propõe Paulo Prado de seu próprio texto.

As sobreposições textuais e discursivas são explosivas num texto como *Macunaíma*. Para não falar em estratos, o que pareceria serem os textos separados como fossem eras geológicas, há em *Macunaíma* uma mescla discursiva muito intensa<sup>69</sup>: há o texto erudito (o da tradição, o do homem moderno que tenta trazer para o Centro o texto, em grande parte das vezes oral, do outro, índio, negro, estrangeiro), o texto oral (em todos os seus prismas, o do dia a dia das grandes cidades), o coletado na grande viagem ao Amazonas, o que a gramática considera inaceitável, o que o moderno considera melhor ou simplesmente curioso, etc. E não temos apenas o erudito e o oral dessa forma. Há o texto erudito da religião, da lei, da escola, do jornal, etc. e cada um deles impregnado e recortado por inúmeros outros, inumeráveis. Esse uso intenso também se encontra em BTB, menos aparente que em *Macunaíma*, como não poderia deixar de ser.

Há também semelhança mais que curiosa entre BTB e *Nísia Figueira, sua criada* e *Macunaíma*. As três narrativas (em forma de rapsódia, idílio, conto, não importa, pois que as narrativas de Mário absorveram exemplar e destemidamente outros discursos, quer em sua forma narrativa quer em sua forma de acontecimento) ombreiam as dos mitos fundadores. Lembremos o interesse do Autor pela cidade de São Paulo e lembremos que as três narrativas (guardadas as devidas proporções para *Macunaíma*<sup>70</sup>) referem-se à cidade, já como grande, rica, influente, múltipla.

Quanto aos nomes das personagens, percebe-se que Balança surge menos que Trombeta nos textos sagrados e em Vieira, mas a ideia de balança parece onipresente na narrativa de Mário: uma balança para o bem, outra para o desencadeamento da descoberta sexual, outra para a questão cidade versus subúrbio, etc.

A trombeta ora é soprada por anjos que anunciam a grandeza divina ora por homens que mostram a grandeza de exércitos (o que dá na mesma se pensamos no povo eleito). Difícil saber se o Autor terá avaliado isso quando emprestou a uma menina “verdadeira” seu apelido efêmero. Também não saberemos até que ponto uma seria mais “trombeta” (poder, desafio, força de derrubar muralhas) e outra seria “balança” (justiça, poder divino, a decisão final para a segunda morte). Embora “Juízo Final” fique razoavelmente claro se pensarmos no mau humor de Mário em relação à rainha do café, o termo aparece uma única vez na redação final de BTB, de forma enigmática: na ingenuidade de Trombeta que revela o apelido de Maria a Battleship, que também não poderia entender o que significaria “Juízo Final”, dado a seu parco conhecimento da língua portuguesa.

Poderíamos deixar de fora a questão autoral de BTB, pensando na provocação barthesiana sobre a morte do Autor, mas em nosso caso ela é tão presente, que caberia elidir o excesso de zelo e pensar numa função Autor, como quis certo pensamento de Foucault<sup>71</sup>. Mário deixou tantas pistas sobre a questão que seria interessante interpelá-las. Como já mencionado, os nomes encontrados em BTB referem-se a uma brincadeira ocorrida na viagem ao Amazonas. Deixou-se de lado a possibilidade de entender as meninas como as companheiras de viagem, pois isso já foi discutido com mais propriedade por Telê Porto Ancona Lopez.

Não há nada de absurdo na profana investigação de Mário sobre esse Éden. É bem possível um matagal na cidade de São Paulo como ainda é possível no Rio de Janeiro, que carrega o mérito de possuir a maior floresta em área urbana no mundo. Também não é absurdo que um homem adulto se encante por uma menina, assim como nada tem de escandalosa a ideia de uma criança ter sido educada à brasileira por uma mulher (embora haja desdobramentos de ordem moral e ética, claro, nisso). Então, a narrativa poderia dizer respeito a uma paixão, a uma descoberta ou ainda a um encontro com o outro, com nos ensinam a discutir tantas disciplinas atuais. Mas o que faz o texto de Mário ir além disso, ir além de outras narrativas dele, como *Nísia, sua criada* e *Amar, verbo intransitivo*? Talvez porque a maioria dos abantesmas a circular a cabeça do Autor surjam nessa obra.

...  
A visão do Brasil sob o prisma europeu cunhou um rosto brasileiro (comparar com as obras de Spix e Martius, tão citadas por Mário e por Paulo Prado) e isso não devia passar despercebido a Mário. Assim, *Macunaíma*, por exemplo,

<sup>69</sup> Talvez a melhor metáfora para *Macunaíma* seja a de José Miguel Wisnick, ao comparar o texto de Mário como uma renda de bilro. Cf. WISNICK, José Miguel. A rotação das utopias-rapsódia. In: BERRIEL, Carlos Eduardo. (Org.) Mário de Andrade, hoje. São Paulo: Ensaio, 1990.

<sup>70</sup> Nesta, a cidade de São Paulo é a cidade onde o herói buscará encontrar o amuleto que lhe faz lembrar Ci.

<sup>71</sup> A palavra “Autor” foi usada em maiúsculo durante a escrita desse texto como alusão a uma “função” proposta por Foucault em *Que é um Autor?*.

é negro-índio *retinto* e depois branco e louro, de olhos azuis. Em BTB ocorre uma “síntese dialógica dos contrários”, como sugere Carlos Alberto Faraco em texto sobre Bakhtin<sup>72</sup>. Por mais que Battleship encontre na menina suja um espelho – se si –, ele é europeu e seu encontro com o outro (embora imaginemos que ele pudesse haver conhecido tantas pessoas diferentes em seu périplo pelo Mediterrâneo) é notável: ele é o europeu limpo que encontra o brasileiro sujo. Na produção mariodeandradiana não é incomum tal ironia, a de mostrar o brasileiro sujo não em oposição a um europeu limpo e sim um brasileiro sujo em oposição ao próprio discurso de que o brasileiro é mais limpo do que o europeu.<sup>73</sup> A preocupação dos modernos (e de tantos teóricos que se debruçariam sobre essa questão) sobre o encontro do europeu com o nativo surge mais uma vez, de forma curiosa: Battleship descobre a si mesmo (uma das interpretações possíveis sobre a “descoberta da alma”) na figura da nativa, sujeito entre duas etnias, ao menos, e suja. Mas a aparência não é agradável e é necessário suavizar o que a epiderme não permite. De quantas maneiras isso teria ocorrido antes de Mário e continua ocorrendo, tanto no discurso quanto na prática?

Mas é importante frisar que esse “eu” que chega de fora, chega em posição de julgamento. Mário acena com a possibilidade de haver desigualdade entre europeu e brasileiro – e há mesmo diferenças – o que dá ao texto um ar de nostalgia do que nunca existiu.

Paulo Prado diz que, na Índia, “a mocidade portuguesa se ia educando nos vícios e crimes da sedução asiática”.<sup>74</sup> Em BTB, já temos a mocidade corrompida por uma força natural, quase um eco do naturalismo. Por fim, em Mário parece haver uma dupla proibição, interdição, impossibilidade: a cristã, a da moral, e a natural do homem, que não pode ser feliz. O amor é doloroso, não sorri. A fundação do Brasil, idem. Tememos dizer que a de São Paulo, também.

## Referências Bibliográficas

.ANDRADE, Mário de. **Balança, Trombeta e Battleship** ou O descobrimento da alma. Ensaio de Telê Ancona Lopez e apresentação de Antonio Fernando de Franceschi. São Paulo: Instituto Moreira Salles: Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

. \_\_\_\_, Mário de. **O turista aprendiz**. Estabelecimento do texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

. \_\_\_\_, Mário. **Macunaíma** – o herói sem nenhum caráter São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

.ANDRADE, Mário. **Contos de Belazarte**. 8 ed. Belo Horizonte: Vila Rica, 1992.

.ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna** – do Iluminismo aos movimentos contemporâneos. Tradução de Denise Bottmann e Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. P. 232.

. BAKHTIN, Mikhail. **O Freudismo** – um esboço crítico. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2001.

.BARTHES, Roland. *O adjetivo é o “dizer” do desejo*. In: \_\_\_\_. **O grão da voz**: entrevistas. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

.BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. (Org.) **O Brasil dos viajantes**. 3. ed. São Paulo: Objetiva: Metalivros, 2000.

.BERRIEL, Carlos Eduardo. (Org.) **Mário de Andrade, hoje**. São Paulo: Ensaio, 1990.

.BOLLE, Willi. **grandesertão.br**. – o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2004.

.BOSI, Alfredo. **Situação de Macunaíma**. In: ANDRADE, Mário de. **Macunaíma** – o herói sem nenhum caráter. Edição Crítica. Coordenação de Telê Porto Ancona Lopez. Paris: Association Archives de la Littérature latino-américaine, des

<sup>72</sup> Cf. FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin, a aventura dialógica. In: PAZ, Francisco Moraes. (Org.) *As aventuras do pensamento*. Curitiba: Editora da UFPR, 1993.

<sup>73</sup> Tal ironia também é encontrada em poemas de Oswald de Andrade e em outros discursos, como visto no decorrer da análise.

<sup>74</sup> Cf. p. 138 de *Retrato do Brasil*.

Caraiïbes et africaine du XX<sup>e</sup> siècle; Brasília: CNPq, 1998.

.CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; KOSSOY, Boris. **O olhar europeu** – o negro na iconografia brasileira do século XX. São Paulo: Edusp, 2002.

.CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito** – entrevistas com Jonh Meyers. São Paulo: Palas Athena, 1993.

.COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. **Rugendas e o Brasil**. São Paulo: Capivara, 2002. LAGO, Pedro Corrêa do. **Iconografia Brasileira** – Coleção Itaú. São Paulo: Fundação Itaú: Contra-capas, 2001.

.ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno**. Tradução de José Antônio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

.ELIADE, Mircea. **Mefistófoles e o andrógino ou o mistério da totalidade**. In: \_\_\_\_\_. **Mefistófoles e o Andrógino** – comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

.FARACO, Carlos Alberto. **Bakhtin, a aventura dialógica**. In: PAZ, Francisco Moraes. (Org.) **As aventuras do pensamento**. Curitiba: Editora da UFPR, 1993.

.FERGUSON, George. **Signs and symbols in Christian Art**. 2. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 1972.

.GAMBINI, Roberto. **Indian Mirror** – The making of the Brazilian soul. São Paulo: Axis Mundi: Terceiro Nome, 2000.

.GRANJEIRO, Cândido Domingues. **As artes de um negócio: a febre photographica** – São Paulo: 1862 – 1886. São Paulo: Mercado de Letras, 2000.

.MIKHAIL, Bakhtin. **Apulêio e Petrônio**. In: \_\_\_\_\_. **Questões de estética e de literatura** – a Teoria do romance. São Paulo: Unesp, 2003.

.PÊCHEUX, Michel. **O discurso**, estrutura ou acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2002.

.PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. 9. ed. Organização de Carlos Augusto Calil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P. 229.

.QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência** ou A literatura do exílio. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.

.SAID, Edward. **Orientalismo** – O Oriente como invenção do ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

.TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Cosac & Naify: Duas cidades, 2004.

.VIEIRA, Antônio. **Sermão da Primeira Domingo do Advento**. In: \_\_\_\_\_. **Sermões**. Tomo I. Organização de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2001.